Pesquisa:

"Caminhada de crianças, adolescentes e jovens na rede do tráfico de drogas no varejo do Rio de Janeiro, 2004-2006"

SUMÁRIO EXECUTIVO

Equipe responsável pela elaboração deste material

Coordenação:

Jailson de Souza e Silva

Produção técnica:

Raquel Willadino Braga

Fabio da Silva Rodrigues

Fernando Lannes Fernandes

Elionalva Sousa Silva

Rio de Janeiro, novembro de 2006.

Sumário

1. Apresentação 4
2. Considerações metodológicas..... 5
3. Procedimentos 7
4. Resultados..... 10
4.1. Perfil 10
4.2. Relações com o espaço público 13
5. Participação na rede do tráfico de drogas no varejo 16
5.1. Idade de ingresso 16
5.2. Motivações 17
5.3. Funções..... 21
5.4. Evolução do vínculo 24
5.5. Consumo de drogas 26
5.6. Condições de trabalho 28
5.7. A fragilização dos vínculos com a comunidade de origem 29
5.8. Rendimentos 30
5.9. Experiências de violência 34
5.10. Mortes..... 38
5.11. Experiências de violência indireta 43
5.12. Mudanças no tráfico de drogas no varejo do Rio de Janeiro..... 46
5.13. Avaliação da vida no tráfico 49
6. Considerações finais 56
6.1. Síntese dos principais resultados 56
6.1.1. Em relação ao perfil dos entrevistados: 56
6.1.2. Quanto à participação direta dos entrevistados na rede social do tráfico de drogas no varejo: 57
6.2. Dilemas e proposições 59
Anexo 1 – Questionário aplicado na primeira fase da pesquisa 63
Anexo 2 – Matriz de Acompanhamento aplicada na segunda fase da pesquisa..... 77
Anexo 3 - As funções do tráfico e suas atribuições..... 80

Índice dos Quadros, Tabelas, Gráficos e Figuras

Quadro 2.1 - Distribuição das favelas pesquisadas por área do município do Rio de Janeiro 5
Quadro 3.1 – Distribuição dos entrevistados por comunidade 7
Quadro 3.2 – Relação entre questionários aplicados e contratação dos articuladores 8
Quadro 3.3 – Distribuição da Matriz de Acompanhamento por articuladores 9
Tabela 5.1. - Idade de ingresso no tráfico 16
Gráfico 5.1 – Idade de ingresso no tráfico 16
Tabela 5.2 – Fatores que o levaram a trabalhar no tráfico 17
Tabela 5.3 – Através de quem entrou no tráfico? 18
Gráfico 5.2 – Através de quem entrou no tráfico? 18
Tabela 5.4 – Familiares que trabalham no tráfico 19
Tabela 5.5 – O que faz com o dinheiro que ganha com o tráfico 20
Gráfico 5.3 – O que faz com o dinheiro que ganha com o tráfico 20
Tabela 5.6 – Fatores que o mantém no tráfico 21
Gráfico 5.4 – Fatores que o mantém no tráfico 21
Tabela 5.7 – Ocupação no tráfico em julho de 2004 22
Tabela 5.8 – Idade e Ocupação no tráfico 23
Gráfico 5.5 – Idade e Ocupação no tráfico 23
Tabela 5.9 – Funções exercidas em junho de 2004 24
Tabela 5.10 – Situação do vínculo com o tráfico ao longo do acompanhamento 24
Gráfico 5.6 – Situação do vínculo com o tráfico ao longo do acompanhamento 25
Tabela 5.11 – Idade em que começou a fazer uso das drogas 26
Gráfico 5.7 – Idade em que começou a fazer uso das drogas 27
Tabela 5.12 – Tipos de drogas já consumidas 27
Tabela 5.13 – Freqüência de uso por tipo de droga 28
Tabela 5.14 – Escala de trabalho 28
Tabela 5.15 – Carga Horária diária 29
Gráfico 5.8 – Carga Horária diária 29
Tabela 5.16 – Dias de folga por semana 29
Tabela 5.17 – Faixa salarial com base no salário mínimo (R$260,00) 31
Gráfico 5.9 – Faixa salarial com base no salário mínimo (R$260,00) 31
Tabela 5.18 – Outros benefícios materiais 32
Tabela 5.19 – Faixa salarial com base no salário mínimo (R$260,00) e Ocupação atual no tráfico 32
Quadro 5.1 – Salário Mínimo e seu poder de compra 33
Tabela 5.20 – Número de vezes que já foi preso/apreendido pela polícia 34
Tabela 5.21 – Número de internações em instituições públicas 34
Tabela 5.22 – Número de vezes que já sofreu extorsão policial 35
Gráfico 5.10 – Número de vezes que já sofreu extorsão policial 35
Tabela 5.23 – Número de vezes que já sofreu violência policial 35
Gráfico 5.11 – Número de vezes que já sofreu violência policial 36
Tabela 5.24 – Você sofreu algum tipo de violência neste mês? 36
Tabela 5.25 – Você participou de algum confronto armado neste mês? 36
Tabela 5.26 – Número de confrontos com a policia 37
Tabela 5.27 – Número de confrontos com grupos rivais 37
Tabela 5.28 – Tipos de confronto 37
Tabela 5.29 – Quantidade de ferimentos sofridos por arma branca ou de fogo 38

Quadro 5.2 - Relação de jovens mortos..... 39
* A morte destes jovens não foi contabilizada na tabela 5.11, pelo fato dos mesmos não estarem inclusos entre os 152 entrevistados que foram acompanhados de junho a outubro de 2004. 40
Tabela 5.30 – Relação de jovens mortos 40
Gráfico 5.13 – Relação de jovens mortos..... 41
Tabela 5.31 – Distribuição das mortes segundo as áreas pesquisadas 41
Tabela 5.32 – Policiais mortos em serviço no Estado do Rio de Janeiro – 2003/2005.. 42
Gráfico 5.14 – Policiais Mortos em Serviço no Estado do Rio de Janeiro – 2003/2005 42
Tabela 5.33 – Policiais mortos em serviço no Estado do Rio de Janeiro – junho de 2004 a Dezembro de 2005 43
Tabela 5.34 – Número de mortes que presenciou este mês..... 43
Tabela 5.35 – Número de espancamentos que presenciou este mês 44
Gráfico 5.15 – Experiências de violência indireta..... 44
Tabela 5.36 – Familiares mortos por envolvimento no tráfico..... 45
Tabela 5.37 – Familiares mortos pelo tráfico, mas sem envolvimento direto..... 45
Gráfico 5.16 – Familiares mortos e sua relação com o tráfico 46
Tabela 5.38 – Grau de satisfação com a vida atual 50
Tabela 5.39 – Aspectos mais desagradáveis do trabalho no tráfico 50
Gráfico 5.17 – Aspectos mais desagradáveis do trabalho no tráfico..... 51
Tabela 5.40 – Fatores que contribuiriam para sair do tráfico..... 51
Gráfico 5.18 – Fatores que contribuiriam para sair do tráfico..... 52
Tabela 5.41 – Maior desejo na vida..... 53
Gráfico 5.19 – Maior desejo na vida 54
Tabela 5.42 – Bem mais importante da vida 55
Gráfico 5.20 – Bem mais importante da vida..... 55
Figura 1 – Estrutura Organizacional do Tráfico de Drogas no Varejo..... 81

1. Apresentação

Este sumário executivo apresenta os principais dados coletados na pesquisa *Caminhada de crianças, adolescentes e jovens na rede do tráfico de drogas no varejo do Rio de Janeiro, 2004-2006"* desenvolvida entre abril de 2004 e maio de 2006. Esta pesquisa é uma das vertentes de um Programa de intervenção mais amplo denominado *"Rotas de Fuga": Ações integradas para crianças e jovens inseridos na rede social do tráfico de drogas e seus familiares.*

Este programa é coordenado pelo Observatório de Favelas do Rio de Janeiro e apoiado por importantes organismos internacionais: Organização Intereclesiástica para a Cooperação ao Desenvolvimento (ICCO), Organização Internacional do Trabalho (OIT) e Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Além disso, envolve um conjunto de entidades públicas e da sociedade civil atuantes no campo da promoção e defesa dos direitos humanos no Brasil, que têm sido parceiras fundamentais neste processo.

O objetivo central da pesquisa é realizar uma análise ampliada sobre as práticas características dos atores envolvidos na rede social do tráfico de drogas no varejo[1] no Rio de Janeiro e sobre como esta rede vem se desenvolvendo nos últimos anos. A partir destes dados pretendemos oferecer subsídios para a elaboração de metodologias que auxiliem na prevenção do ingresso de novas crianças e jovens nesta atividade e na criação de alternativas sustentáveis para aqueles que queiram sair desta rede ilícita.

Pretendemos, em última instância, contribuir para a mudança das estratégias vigentes de enfrentamento ao tráfico de drogas estimulando a proposição de novas políticas de segurança pautadas na valorização da vida e dos direitos humanos.

[1] Neste contexto, o mais preciso seria falar de "comércio varejista de drogas qualificadas como ilícitas", porém, tendo em vista o caráter sintético deste documento optamos por uma terminologia simplificada. Por isso, daqui em diante utilizaremos a expressão "tráfico de drogas no varejo".

2. Considerações metodológicas

Um trabalho de pesquisa sobre as condições de vida de integrantes da rede do tráfico de drogas no varejo exige, por um lado, o devido domínio teórico e técnico do processo de investigação científica e, por outro, a capacidade de estabelecer contato com os membros da rede social do tráfico e construir uma relação de confiança. Uma marca distintiva do Observatório de Favelas é justamente a reunião dessas duas características, fruto da presença em sua equipe de um número expressivo de pessoas que têm origem e militância nos espaços populares e/ou trabalham na universidade.

Na medida em que a pesquisa pretendia entrevistar adolescentes e jovens que trabalham no tráfico de drogas em diferentes áreas da cidade do Rio de Janeiro, definiu-se que o trabalho de campo deveria ser realizado por pessoas que cumprissem, dentre outros, dois requisitos fundamentais: serem moradores de comunidades populares e terem algum tipo de ligação anterior com a rede do tráfico local que favorecesse o acesso a pessoas e informações estratégicas.

Entre os selecionados para realizar a coleta de dados, alguns haviam estado diretamente envolvidos na rede do tráfico no passado; outros não tinham história de envolvimento direto, mas possuíam proximidade com atores desta rede. Estas pessoas escolhidas para a realização do trabalho de campo foram denominadas de "articuladores locais". Adotando alguns critérios básicos, compusemos uma equipe formada por 10 articuladores, cinco mulheres e cinco homens, moradores de diferentes favelas do Rio de Janeiro e que possuíam vínculos variados com a rede social do tráfico.

Dentre os 10 articuladores que compuseram a equipe de entrevistadores, com exceção de uma, todos já haviam concluído ou estavam concluindo o Ensino Médio, fato raro entre a população das favelas do Rio de Janeiro. Havia ainda três que cursavam a universidade, e uma que já tinha concluído o nível superior, o que reforça a singularidade deste grupo. O nível de escolaridade não foi entendido como um entrave no processo seletivo, já que estava previsto um trabalho de formação nos campos teórico e, especialmente, metodológico antes da entrada em campo.

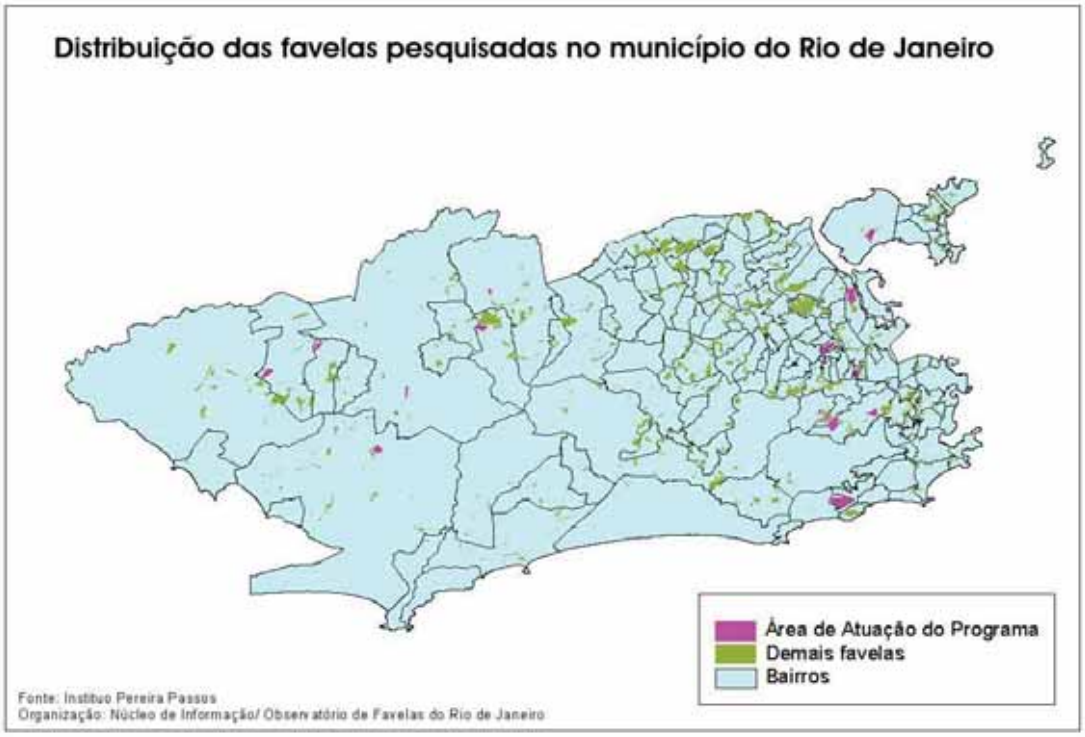
Com esta configuração de equipe, foi possível acompanharmos adolescentes e jovens de 34 comunidades do Rio de Janeiro, aspecto que proporcionou um diferencial à pesquisa, na medida em que pudemos alcançar favelas de distintas áreas da cidade.

Quadro 2.1 - Distribuição das favelas pesquisadas por área do município do Rio de Janeiro

ZONA DA CIDADE	COMUNIDADES ESTUDADAS
Zona Leopoldina	Nova Holanda, Parque União, Parque Maré, Rubens Vaz , Vila do João, Vila do Pinheiro, Salsa e Merengue, Baixa do Sapateiro, Morro do Timbau, Morro do Dendê, Morro do Barbante, Varginha e Nelson Mandela
Zona Oeste	Vila Aliança, Vila Kennedy, Antares, Gouveia, Fumacê, Cezarão e Rebú
Zona Norte	Morro do Turano, Nova Divinéia, Salgueiro, Morro do Andaraí, Morro do Borel, Sá Viana, Dique, Morro do Campinho, Morro dos Macacos, Mangueira, Caçapava , Rato Molhado e Jacarezinho

Zona Sul	Rocinha

Mapa 1 – Distribuição das favelas pesquisadas no município do Rio de Janeiro



3. Procedimentos

O trabalho de preparação da pesquisa foi iniciado em março de 2004. Os meses de abril e maio foram dedicados à elaboração dos instrumentos de coleta, em interlocução com o CLAVES/ENSP/FIOCRUZ, e ao processo de seleção e capacitação dos articuladores locais. Posteriormente, foi realizado o recorte espacial, definição necessária para nortear a distribuição dos entrevistados nas comunidades. A coleta de dados teve início em junho de 2004. Coube ao CESeC o trabalho de acompanhamento estatístico, elaboração do banco de dados e tabulações.

As comunidades foram definidas em função das redes de relações dos articuladores. Com isso, o número de entrevistados não foi definido *a priori,* já que o acesso aos mesmos dependia de muitos fatores. Na medida em que o trabalho de campo foi avançando, avaliou-se que seria possível ter entre 20 e 25 entrevistados por articulador.

Quadro 3.1 – Distribuição dos entrevistados por comunidade

Zona da cidade	Comunidade	Qtd	%
Zona Leopoldina	Baixa do sapateiro	10	4,3
	Morro do Barbante	50	21,7
	Vila do Pinheiro	5	2,2
	Morro do Dendê	3	1,3
	Morro do Timbau	3	1,3
	Nelson Mandela	2	0,9
	Nova Holanda	13	5,7
	Parque Maré	8	3,5
	Parque União	1	0,4
	Rubens Vaz	5	2,2
	Salsa e Merengue	2	0,9
	Varginha	1	0,4
	Vila do João	2	0,9
Total Zona Leopoldina		105	45,6
Zona Norte	Borel	5	2,2
	Caçapava	1	0,4
	Dique	1	0,4
	Jacaré	1	0,4
	Mangueira	5	2,2
	Morro do Andaraí	18	7,8
	M. do Campinho	3	1,3
	M. dos Macacos	1	0,4
	Nova Divineia	5	2,2
	Rato molhado	1	0,4
	Sá Viana	6	2,6
	Salgueiro	5	2,2
	Morro do Turano	5	2,2
Total Zona Norte		57	24,8

Zona Oeste	Antares	5	2,2
	Cezarão	2	0,9
	Conjunto Fumacê	1	0,4
	Gouveia	6	2,6
	Rebú	1	0,4
	Vila Aliança	26	11,3
	Vila Kennedy	5	2,2
Total Zona Oeste		46	20%
Zona Sul	Rocinha	22	9,6
Total	**34 comunidades**	**230**	**100**

A coleta de dados foi realizada em três etapas. Na primeira e na segunda etapa foram realizadas entrevistas estruturadas com os adolescentes e jovens. Na primeira etapa os articuladores aplicaram um questionário (anexo 1) que continha 94 questões fechadas relativas a diferentes práticas, representações e relações dos adolescentes e jovens com a rede do tráfico de drogas. De forma complementar a este questionário, cada articulador registrava, em momento posterior à entrevista, as questões que considerava pertinentes em um diário de campo.

A primeira entrevista com os adolescentes e jovens foi realizada ao longo de três meses em função da incorporação progressiva dos articuladores[2], mas a maior parte dos questionários foi aplicada em junho de 2004.

Quadro 3.2 – Relação entre questionários aplicados e contratação dos articuladores

MÊS	1ºquestionário	Entrada de articuladores
Junho	157	7
Julho	53	2
Agosto	20	1
Total	**230**	**10 articuladores**

Ainda na primeira fase, a coordenação da pesquisa também realizou entrevistas semi-estruturadas com os próprios articuladores, a partir das quais foi possível traçar suas trajetórias, representações e antigas relações com a rede do tráfico.

A segunda etapa do trabalho de campo se baseou na aplicação de outro instrumento denominado "matriz de acompanhamento social" (anexo 2). Esta matriz era composta por 18 questões objetivas que atualizavam informações obtidas na primeira entrevista visando ao acompanhamento longitudinal dos adolescentes e jovens que haviam participado da primeira fase. A proposta inicial era aplicar a matriz mensalmente com todos os entrevistados ao longo de cinco meses (entre junho e outubro de 2004). Paralelamente, os articuladores continuariam a produzir diários de campo, onde relatariam as experiências e impressões obtidas durante as entrevistas.

Devido à incorporação gradativa de articuladores locais e entrevistados, os acompanhamentos mensais não se deram em quantidades iguais para os 230

[2] Em junho a equipe contava com apenas sete articuladores. No mês de julho foram incorporados mais dois e em agosto, o último.

adolescentes e jovens que participaram da primeira fase. Assim, a aplicação da matriz de acompanhamento ocorreu conforme a tabela abaixo:

Quadro 3.3 – Distribuição da Matriz de Acompanhamento por articuladores

Articuladores	Meses/Quantidade de entrevistados				
	Jun	Jul	Ago	Set	Out
1	26	26	26	26	26
2	26	26	26	26	26
3	26	26	26	26	26
4	26	26	26	26	26
5	26	26	26	26	26
6	22	22	22	22	22
7	05				
8		26	15	15	15
9		27	15	15	15
10			20	20	20
Total	**157**	**205**	**202**	**202**	**202**

	Primeira entrevista
	Segunda entrevista
	Terceira entrevista
	Quarta entrevista
	Quinta entrevista

A terceira fase da pesquisa ocorreu ao longo de 2005 a partir de entrevistas informais. O acompanhamento dos adolescentes e jovens era sistematizado em relatórios individuais, onde eram atualizadas as informações mais relevantes como: situação de vínculo com o tráfico, se algum havia morrido, se estava preso ou manifestava intenção de abandonar o trabalho ilícito. Cabe considerar que o fortalecimento da qualificação técnica dos entrevistadores e da relação de confiança com os adolescentes e jovens permitiu que vários entrevistados tivessem suas trajetórias acompanhadas em profundidade ao longo de quase dois anos. A última atualização das informações obtidas no questionário principal aplicado em 2004, ocorreu entre os meses de abril e maio de 2006.

4. Resultados

A partir da análise das informações coletadas no trabalho de campo procuraremos delinear um panorama geral do perfil e das práticas dos 230 adolescentes e jovens acompanhados na pesquisa, discutindo aspectos como suas configurações familiares, trajetórias escolares, experiências de trabalho, preferências de lazer, redes sociais, bem como o processo de inserção e atuação na rede ilícita do comércio varejista de drogas.

4.1. Perfil

A presente pesquisa envolveu crianças, adolescentes e jovens com idade entre 11 e 24 anos.[3] 66,5% dos entrevistados tinham entre 16 e 18 anos no momento da primeira entrevista. A maior concentração (85,7%) se situava na faixa etária de 15 a 19 anos. 19,1% dos entrevistados se encontravam na faixa de 13 a 15 anos e 2,6% tinham entre 11 e 12 anos.

O envolvimento de crianças e adolescentes na rede ilícita do tráfico de drogas no varejo não é novidade. Porém, o grau de envolvimento e as funções assumidas por eles atualmente diferem bastante dos registros analisados a partir da década de 70. Nos anos 70, esta participação se dava fundamentalmente por meio de pequenos serviços, tais como os de *olheiro e aviãozinho*[4]. A permissividade para o exercício destas funções dependia de quem vendia a droga, mas, em nenhum caso, as crianças eram armadas. Além disso, ao invés de receberem um salário, a prática mais comum era a de receber presentes como retribuição aos serviços prestados[5].

No que se refere à questão étnica e racial, os dados obtidos indicam um predomínio de negros e pardos. Estas duas categorias reúnem 63% dos entrevistados. Refletir sobre a dimensão racial na rede do tráfico de drogas no varejo é de fundamental importância, pois sabemos que hoje as principais vítimas de homicídios no Brasil são jovens, negros e moradores de espaços populares. A atuação das forças de segurança pautadas em políticas repressivas e seletivas tem recaído sobre a juventude negra em todo o território nacional, afetando especialmente os moradores das favelas e periferias dos grandes centros urbanos[6].

Quanto à participação de mulheres na rede social do tráfico, os dados são escassos mas instigadores. O tráfico de drogas nas favelas ainda parece ser uma atividade predominantemente masculina. Nesta pesquisa, 97,4% dos entrevistados eram do sexo masculino. Contudo, se considerarmos que as mulheres inseridas nesta rede costumam assumir funções que em geral não exigem sua exposição com porte de armas

---

[3] Embora o título da pesquisa remeta a "crianças e jovens", no universo dos 230 entrevistados, apenas 6 situavam-se na faixa etária até 12 anos, por isso passamos a nos referir a "adolescentes e jovens", pois estes correspondiam a 97% dos sujeitos da pesquisa.

[4] No final deste documento há um anexo com a estrutura organizacional do tráfico e a descrição das funções.

[5] DOWDNEY, L. *Crianças do tráfico. Um estudo de caso de crianças em violência armada Organizada no Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

[6] SOUZA e SILVA, J. Violência nas comunidades e nas ruas. Até quando? In: UNICEF (org.). *Direitos Negados. A violência contra a criança e o adolescente no Brasil*. Brasília, UNICEF, 2005.

nas esquinas é provável que as meninas estejam sendo sub-identificadas, já que o corte de gênero ainda é pouco explorado na discussão sobre o tráfico de drogas. Um aspecto frequentemente destacado é a participação indireta das mulheres nesta rede ilícita, seja pelo fato de manterem relacionamentos afetivos com jovens inseridos no tráfico ou por prestarem determinados favores eventuais[7].

As seis meninas que foram entrevistadas na presente pesquisa exerciam as funções de vapores ou de embaladoras.[8] No entanto, entre as articuladoras que realizaram o trabalho de campo tínhamos mulheres que no passado haviam chegado à função de gerentes e uma jovem que havia exercido o trabalho de soldado. Seria importante aprofundar a compreensão dessa dinâmica em outros estudos, pois as trajetórias analisadas sugerem que as atividades que envolvem meninas no tráfico estão se diversificando nos últimos anos.

"Primeiro eu comecei assim, sendo namorada de traficante, em seguida eu comecei a guardar dinheiro, depois o cargo foi aumentando(...)" - (ex-gerente)

Em relação à origem das famílias, os dados relativos aos pais dos entrevistados indicam que mais da metade dos genitores nasceu no estado do Rio de Janeiro, enquanto 37,8% são migrantes do nordeste. A maioria vive na mesma comunidade há muitos anos e reside em casas definidas como próprias, embora grande parte das famílias não possua título de propriedade do local onde moram[9].

59,2% dos adolescentes e jovens provêm de grupos familiares que vivem com uma renda que não chega a 3 salários mínimos. Destes, 19,2% alegam que a renda familiar não ultrapassa um salário mínimo. Alguns familiares dos entrevistados também atuam no tráfico de drogas, mas, na maioria dos casos, a renda da família é fruto de outras atividades desenvolvidas no mercado de trabalho formal e/ou informal. Entre as profissões identificadas, uma grande parcela dos pais trabalha na área da construção civil (20,4%), enquanto a maioria das mães (57,9%) desenvolve atividades domésticas. A grande diversidade de ocupações registradas revela um investimento permanente das famílias no desenvolvimento de estratégias de sobrevivência.

A composição da estrutura familiar dos adolescentes e jovens se caracteriza por freqüentes reconfigurações. A maioria tem famílias numerosas, compostas, em vários casos, por filhos de pais diferentes. Somente 5,2% declararam ser filhos únicos, enquanto 47,4% afirmaram ter mais de três irmãos.

Apesar da grande parcela de entrevistados com vários irmãos, apenas 11,7% tem algum irmão envolvido na rede do tráfico de drogas. Isto demonstra que numa mesma família diferentes trajetórias podem ser traçadas[10], desmistificando a freqüente vinculação estabelecida pelo senso comum entre o "tipo de estrutura familiar" e o ingresso em atividades ilícitas. A isso se soma a necessidade de romper com toda visão

---

[7] SOARES, B.M. & ILGENFRITZ, I. *Prisioneiras: vida e violência atrás das grades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

[8] No final deste documento há um anexo com a estrutura organizacional do tráfico e a descrição das funções.

[9] O que não é uma característica específica deste grupo, mas um dado da grande maioria dos domicílios em favelas no Brasil, que são definidos, essencialmente, pela ilegalidade de uso do solo.

[10] ASSIS, S. G. *Traçando caminhos em uma sociedade violenta: a vida de jovens infratores e de seus irmãos não infratores*. Rio de Janeiro: Fiocruz/ UNESCO, 1999; SOUZA e SILVA, J. *Por que uns e não outros? Caminhada de jovens pobres para a universidade.* Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

homogeneizadora que postule um determinado modelo de família como o modelo de família "estruturada", entendendo qualquer variação como sintoma de desorganização.

São comuns os relatos de separações e de pais que possuem filhos com diferentes mulheres, sem que necessariamente os assumam ou ofereçam uma assistência adequada. Apenas 39,1% dos entrevistados afirmaram que o pai assumiu alguma responsabilidade na sua criação. 37,4% indicaram a mãe como única responsável por sua criação, enquanto 2,6% tiveram o pai cumprindo tal papel.

Assim, no contexto estudado predominam famílias monoparentais, matrifocais e extensas, aspecto diretamente relacionado ao processo de feminização da pobreza no Brasil. Este fenômeno tem provocado uma maior vulnerabilidade econômica nas famílias, já que ainda são grandes as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho, tanto em termos de acesso como na luta pela igualdade de rendimentos[11].

Para compreender melhor a configuração familiar dos adolescentes e jovens também procuramos identificar as pessoas com quem eles moravam. Tal como observado em diversos estudos[12], detectamos a ausência da figura paterna em muitos domicílios. Por outro lado, o número de entrevistados que moram com ambos os pais é significativo. Considerando o total dos que responderam morar com ambos os genitores (31,74%), a mãe encontrava-se presente em 66,6% dos domicílios, enquanto o pai em apenas 37,39%.

O número de jovens que não mora com a família nuclear é outra importante constatação. Estes representam 23,5% dos entrevistados. Em muitos casos, as avós e as tias aparecem como figuras relevantes. Também é significativo o número de adolescentes que vivem sozinhos (5,66%) ou com amigos (3,04%). Muitos adolescentes saíram de casa ao longo do trabalho de campo em função de seu envolvimento com o tráfico. Alguns se mudaram para a casa de outros parentes, outros foram morar sozinhos e há ainda os que afirmaram dormir cada dia em um local diferente. No entanto, também ocorreram casos em que foi possível o retorno ao lar após algum tempo de afastamento.

Embora a maioria dos entrevistados seja de solteiros, 14,8% afirmou ter esposo ou esposa e 27,8% tem filhos. A parcela dos adolescentes e jovens que possuem filhos é considerável se levarmos em conta a média de idade do universo pesquisado. Além disso, entre os que declararam ter filhos, 35,9% possuíam mais de um filho. Em contrapartida, ao menos 13% dos que possuem filhos não vivem com eles, o que sugere uma reprodução da situação de abandono paterno que ocorreu em grande parte das famílias de origem.

Quanto às trajetórias no âmbito educacional, dos 230 entrevistados, somente 7% ainda estudavam, mas 90% afirmaram que sabiam ler e escrever. Em relação ao nível de escolaridade, 27,4 % estudaram até a 5ª série. Apenas 5,2 % concluíram o ensino médio e 10,4% chegaram até a oitava série.

---

[11] AGENDE. *O Brasil para todas e todos. Propostas AGENDE para o Plano Plurianual 2004-2007: crescimento sustentável, emprego e inclusão social*. Brasília, AGENDE, 2003. (Cadernos Agende, v.4).

[12] ASSIS, S. G *Traçando caminhos em uma sociedade violenta: a vida de jovens infratores e de seus irmãos não infratores*. Rio de Janeiro: Fiocruz/ UNESCO, 1999; WILLADINO, R. *Procesos de exclusión e inclusión social de jóvenes en el contexto urbano brasileño: un análisis de trayectorias de violencia y estratégias de resistencia*. Tesis Doctoral. Universidad Complutense de Madrid (UCM), 2003.

Quase a metade dos entrevistados desistiu da escola entre os 11 e os 14 anos (46%). Este dado coincide com a idade em que mais de 60% entrou para o tráfico: entre 12 e 15 anos, o que sugere uma associação entre o ingresso na rede ilícita e o abandono escolar. Quanto às razões que os levaram a deixar a escola, os principais argumentos remetem ao sentido penoso e opressor do âmbito educativo e à necessidade de investir em outras atividades que gerassem uma retribuição econômica imediata.

Por último, é interessante notar que, apesar do baixo nível de escolaridade, 60,87% dos entrevistados tiveram experiências de trabalho anteriores fora do tráfico de drogas. Portanto, é preciso avaliar as razões pelas quais estas experiências não se sustentaram ou não foram suficientemente atrativas como alternativas à rede ilícita.

O aumento do desemprego estrutural, a precarização do trabalho e os condicionantes conjunturais derivados das mudanças recentes na esfera da produção tem situado a juventude como um setor especialmente vulnerável ao desemprego e às modalidades precárias de inserção no âmbito laboral[13].

Quando analisamos os tipos de documentos que os entrevistados possuem, verificamos que mais da metade dos jovens dispõem de uma Carteira de Trabalho, o que revela expectativas de inserção no mercado de trabalho formal. Por outro lado, quando avaliamos as experiências profissionais que os adolescentes e jovens tiveram fora da rede ilícita verificamos que o acesso ao trabalho se dá principalmente no campo informal, em atividades como: ajudante de pedreiro, entregador, camelô, cobrador de kombi, boy, etc.

Suas incursões no âmbito laboral se dão através de experiências pontuais realizadas predominantemente no mercado informal e na economia submergida, com destaque para o setor de serviços. A precariedade dos vínculos e o baixo nível de rendimentos são fatores que dificultam a fixação dos adolescentes e jovens no mercado do trabalho. Estes aspectos provocam uma espécie de "nomadismo" caracterizado por uma grande diversidade e alternância de atividades, que raramente superam o sentido de estratégias de sobrevivência.

4.2. Relações com o espaço público

A análise das relações com o espaço público é imprescindível para a compreensão dos processos de participação social e política dos jovens. Neste ponto, as formas com que os jovens se relacionam com a cidade assumem um lugar privilegiado. A construção de identidades coletivas e o sentimento de pertencimento dos indivíduos não são possíveis sem uma base territorial. Esta base atua como suporte de uma organização social na qual se desenvolvem processos de socialização, canais de comunicação e relações de proximidade necessárias para o estabelecimento de vínculos sociais e processos participativos capazes de propiciar a construção e o exercício da cidadania. Nesta perspectiva, assumimos que "*o termo participação remete, por um*

[13] ABRAMOVAY, M et alli. *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafio para políticas públicas*. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

lado, a ser parte de um contexto físico e social, estar em um lugar e sentir-se parte de uma comunidade"[14], ou seja, à noção de territoralidade.

O primeiro aspecto que chama a atenção quando analisamos a relação dos jovens com o espaço público é o que tem sido caracterizado como processo de particularização da existência[15]. Este processo está relacionado ao estreitamento das referências espaciais dos jovens, o que geralmente vem acompanhado pela redução das referências temporais. A particularização e a presentificação da existência são processos que tem como pano de fundo a primazia da lógica do consumo e tem limitado seriamente as possibilidades de humanização plena da juventude brasileira.

"A vivência em um território restrito, sem parâmetros mais abrangentes de inserção na cidade, contribui para que o lugar seja o ponto de partida e de chegada da existência. Morador de uma comunidade popular ou mesmo de um condomínio sofisticado, o sujeito não se sente na maioria das vezes, pertencente à polis , à cidade e muito menos por ela responsável..... A democracia se fragiliza e torna-se cada vez mais raro o contato com a diversidade, com o outro. Há uma progressiva perda, então, do sentido da vida coletiva" [16].

Os limites da relação com a pólis e a particularização espacial aparecem de forma contundente nas respostas dos entrevistados sobre suas alternativas de lazer. O baile na comunidade é a diversão predileta de 56% dos entrevistados. As opções de lazer que exigem o deslocamento da comunidade, tais como cinema, shows e praia aparecem em segundo plano, o que se deve muitas vezes ao medo de transitar pelas fronteiras estabelecidas pelas facções.

O esvaziamento do sentido da esfera pública também se reflete nas respostas dos adolescentes e jovens sobre as figuras que mais admiram e sobre os seus espaços de participação social e política. As escassas referências a figuras públicas se reduzem a jogadores de futebol, cantores e atores da TV. Quando indagados sobre o político e o partido preferidos a grande maioria dos entrevistados (mais de 70%) demonstrou uma forte desconexão com o campo da política, tendência que tem sido observada em estudos recentes desenvolvidos com jovens de diferentes regiões do país[17].

Assim, a esfera política parece não ser percebida pela maioria como um espaço de participação ou de possibilidade de intervenção na realidade social. No entanto, a ausência de referências fortes não se dá somente no campo político. Mesmo quando indagados sobre suas redes sociais mais próximas, as respostas apontam para a escassez de pessoas significativas para os jovens e para a fragilidade de seu ***capital social***[18]. 31,74% dos entrevistados afirmou não admirar nenhuma figura de sua rede social.

---

[14] ALGUACIL, J. La ciudadanía como mediación para la sostenibilidad y gobernabilidad de la ciudad. In: *Anais do VII Congreso Español de Sociología. "Convergencias y Divergencias en la sociedad global"*. 2001.

[15] SILVA, H. O. & SOUZA e SILVA, J. *Análise da violência contra a criança e o adolescente segundo o ciclo de vida no Brasil.* São Paulo: Global; Brasília, UNICEF, 2005.

[16] Ibid, pp. 21-22.

[17] WAISELFISZ, J. J. (coord.) *Juventude, Violencia e Cidadania: os jovens de Brasília*. São Paulo: Cortez. UNESCO, 1998; MINAYO et alli. *Fala Galera: Juventude, Violência e Cidadania na cidade do Rio de Janeiro.* RJ: Garamond. 1999; BARREIRA, C. (coord.) et alli. *Ligado na Galera. Juventude, Violência e Cidadania na cidade de Fortaleza.* Brasília: UNESCO, 1999; Abramovay et alli. *Gangues, galeras, chegados e rappers. Juventude, Violência e Cidadania nas cidades da periferia de Brasília.*Rio de Janeiro: Garamond 1999; SALLAS, A L. F. (coord) et alli, *Os Jovens de curitiba: esperanças e desencantos. Juventude, Violência e Cidadania.* Brasília: UNESCO, 1999.

[18] BOURDIEU, P. (1980) El capital social. Apuntes provisionales. In: *Zona Abierta*, 94/95, 83-87, 2001.

Dentre as referências apontadas como positivas, a figura mais recorrente é a da mãe (20,43%).

Ao contrário da política, a religião ainda aparece como um espaço potencial de participação e/ou transformação para vários entrevistados. Porém, cabe destacar algumas alterações significativas na configuração das religiões presentes nos espaços populares. Na década de 70 e meados da década de 80, havia uma forte representação das religiões afro-brasileiras nas comunidades populares. Atualmente, este quadro sofreu alterações. Na presente pesquisa, apenas um jovem declarou ter identificação com uma religião de matriz africana. O catolicismo ainda aparece como a principal resposta dos que declararam ter alguma religião (39,13%). O que surge como novidade são as denominações evangélicas, destacadas por 17% dos entrevistados, refletindo a crescente inserção das religiões evangélicas em áreas populares a partir da década de 90.

Tendo em mente esta contextualização geral do perfil dos entrevistados, vejamos agora os dados relativos às práticas mais diretamente relacionadas à rede ilícita.

5. Participação na rede do tráfico de drogas no varejo

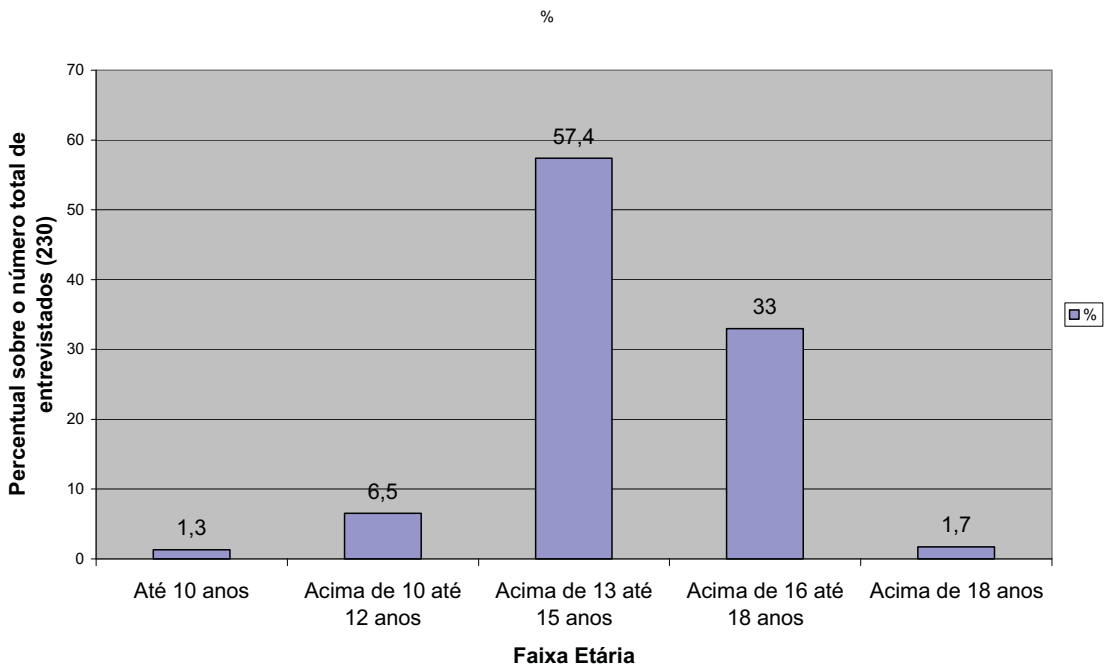
5.1. Idade de ingresso

A maioria dos entrevistados começou a trabalhar no tráfico de drogas antes dos 15 anos de idade. A maior concentração de adolescentes e jovens (90,4%) situa o seu ingresso nesta atividade entre os 13 e os 18 anos. Entretanto, em 7,8% dos casos constatamos que a entrada no tráfico se deu antes dos 12 anos, ou seja, em plena infância.

Tabela 5.1. - Idade de ingresso no tráfico

Faixa etária	Qtd	%
Até 10 anos	3	1,3
Acima de 10 até 12 anos	15	6,5
Acima de 13 até 15 anos	132	57,4
Acima de 16 até 18 anos	76	33,0
Acima de 18 anos	4	1,7
Total	**230**	**100**

Gráfico 5.1 – Idade de ingresso no tráfico



A presença cada vez mais constante de crianças empregadas no comércio varejista de drogas qualificadas como ilícitas é um fato concreto no Brasil e confirmado nesta pesquisa. A quantidade de crianças que trabalham no tráfico varia nas comunidades estudadas de acordo com fatores como o número de empregados na localidade e os

critérios definidos pelo "dono" local, que, em alguns casos, dá preferência a adolescentes.

"Nunca teve. Tem assim criança de 10 e 11 anos que gosta de andar com bandido, porque é parente ou é amigo... pra fazer um adianto, pra ir ali comprar um refrigerante...uma comida... esse tipo de coisa. Mas pra pegar droga ou esse tipo de coisa, não! Mas pra empregar mesmo, pra segurar uma arma... não tem. Aqui nunca houve."- (segurança do dono)

"As crianças começam geralmente com os traficantes '- compra isso, compra aquilo, faz um bonde' (...) elas começam a fazer "adiantos" (...) aí o traficante vai tomar um banho "- pô, segura aqui o meu fuzil". Ai o traficante vai namorar "- ah, segura aqui minha bolsa". Ai começa a envolver as crianças e elas começam a ficar periculosas também e é quando elas dão iniciativa ao tráfico." – (ex-gerente)

5.2. Motivações

Entre os aspectos apontados pelos entrevistados como atrativos que os levaram a ingressar no tráfico, a motivação econômica, associada às dificuldades financeiras da família e a falta de acesso ao mercado de trabalho, aparece como o principal argumento. Também merecem destaque elementos de ordem subjetiva como a "adrenalina", a "sensação de poder" e o "prestígio", citados por vários adolescentes como motivadores para o ingresso e, posteriormente, para a sua permanência no tráfico:

"Logicamente eu tiro proveito disso. É claro que é gostoso, faz bem pro ego... tu chegar na rua e ser uma celebridade!" (segurança)

Tabela 5.2 – Fatores que o levaram a trabalhar no tráfico

Fatores	Qtd	%
Ganhar muito dinheiro	76	33,0
Ajudar a família	53	23,0
Dificuldade em conseguir qualquer outro emprego	21	9,1
Ligação com amigos	19	8,3
Adrenalina	16	7,0
Sensação de poder	10	4,3
Outros*	9	3,9
Prestígio	8	3,5
Vontade de usar uma arma	6	2,6
Violência familiar	6	2,6
Dificuldade em estudar	3	1,3
Dificuldade em conseguir outro emprego com a mesma renda	2	0,9
Informação não coletada	1	0,4
Total	230	100

* Drogas, revolta, influências, mulheres, envolvimento do dia a dia.

As amizades dentro da rede ilícita também aparecem como um elemento que favorece a iniciação de alguns jovens:

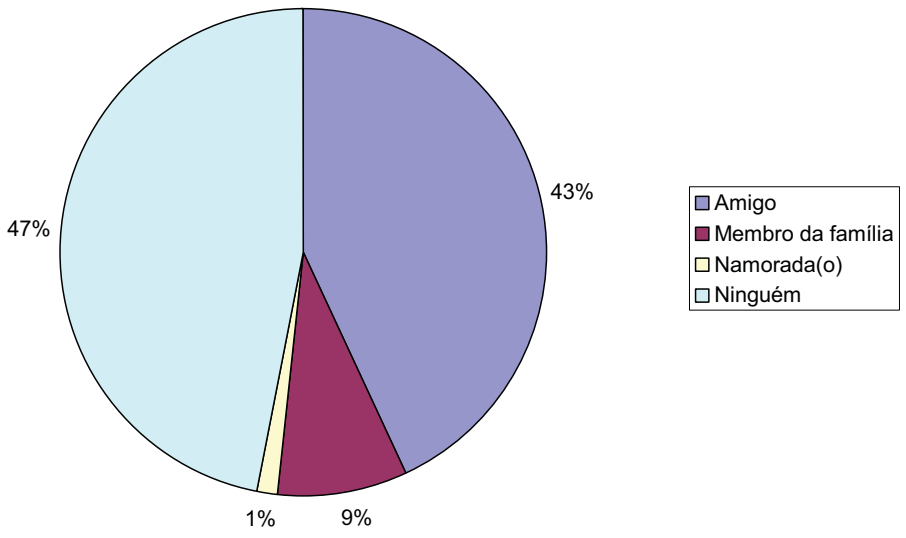
> *"Para entrar na boca, o melhor caminho é conhecendo alguém. Normalmente é assim". – (segurança do dono)*

Observa-se que o ingresso na rede do tráfico de drogas em geral se dá através de um processo gradativo. Muitas vezes, as amizades estabelecidas ou a proximidade com pessoas inseridas em alguma atividade do tráfico são um primeiro passo para o envolvimento propriamente dito, ainda que não sejam necessariamente determinantes. Estas relações propiciam uma naturalização das práticas ligadas à rede ilícita, bem como a apropriação progressiva de seus códigos por parte daqueles que transitam ao redor. Diante da pergunta: "Através de quem você entrou no tráfico?", 53% dos entrevistados indicaram um amigo, um familiar ou um (a) namorado (a) como intermediário (a).

Tabela 5.3 – Através de quem entrou no tráfico?

Ligação	Qtd	%
Amigo	99	43,0
Membro da família	20	8,7
Namorada(o)	3	1,3
Ninguém	108	47,0
Total	**230**	**100**

Gráfico 5.2 – Através de quem entrou no tráfico?



"(...) tudo foi a partir do momento que eu comecei a usar droga com os amigos, aí esses mesmos amigos foram os que permitiram ter uma aproximação fora da minha casa. Aí comecei a freqüentar as embalações, aí o amigo me levava lá. Ali eu fazia os trabalhos, uma parte eu recebia em dinheiro a outra eu recebia em drogas (...) Depois alguns amigos passaram a ser soldados do tráfico, aí foi aonde eu comecei a ter contato intimo, onde eu ficava no plantão com o amigo fazendo companhia para eles. Ao final do plantão, ele me dava as armas e eu ficava responsável de guardar as armas e depois passar para ele de novo. Às vezes o chefe precisava de algum favor na rua, a gente que ia. Várias vezes fui comprar roupas para eles, ir no mercado para ajudar a mulher dele... Tinha dia que eu andava com duas armas, uma pistola e um revolver. Se a polícia chegasse tinha que dar tempo dos caras saírem. Foi assim, foi progredindo, começava no grupo usuário, depois do grupo de usuário passei para o grupo de embalações , depois já começei a tirar plantão junto com os caras..." – (ex-integrante do tráfico)

Mais da metade dos entrevistados respondeu que não tinha nenhum familiar empregado no tráfico. No entanto, seis adolescentes afirmaram ter o pai envolvido nesta atividade e uma mãe apareceu na mesma situação. O maior número de parentes vinculados ao tráfico de drogas é composto por tios (10), irmãos (32) e primos (41).

Tabela 5.4 – Familiares que trabalham no tráfico

Familiar	Qtd de familiares	% de jovens
Nenhum	134	58,3
Pai	6	2,6
Mãe	1	0,4
Tios	10	4,3
Primos	41	17,8
Irmãos	32	11,73
Outros familiares	6	2,6
Total de familiares	**96**	**-**

Muitos entrevistados afirmaram que se submeteram a trabalhar no tráfico de drogas devido às dificuldades financeiras enfrentadas pela família**.** Neste sentido, 31,7% declararam que ajudam financeiramente os familiares com o dinheiro obtido nesta atividade. Entretanto, muitas vezes a inserção do jovem nesta rede ilícita é desaprovada pela família, o que gera uma rejeição a qualquer ganho obtido por este meio.

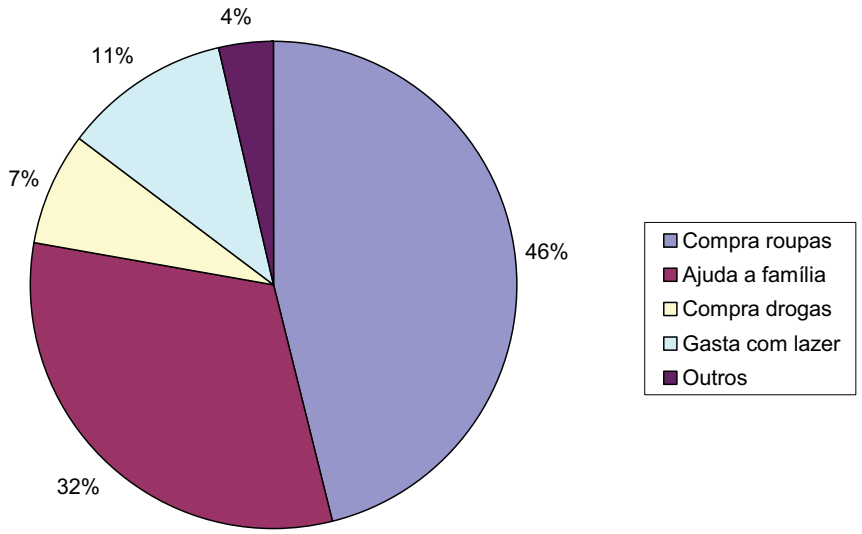
"(...)o filho dele ele não queria que se envolvesse com isso (...)eu tinha muito cuidado para meu pai não saber de nada. Às vezes ele botava gente para ficar me vigiando para saber se eu estava mesmo envolvido." – (ex-integrante do tráfico)

Ao perguntarmos o que os adolescentes e jovens fazem com o dinheiro que ganham no tráfico, além de ajudar a família, a maioria declarou destinar os seus rendimentos a gastos com roupas e lazer.

Tabela 5.5 – O que faz com o dinheiro que ganha com o tráfico

Destino	Qtd	%
Compra roupas	106	46,1
Ajuda a família	73	31,7
Gasta com lazer	26	11,3
Compra drogas	17	7,4
Outros	8	3,5
Total	**230**	**100**

Gráfico 5.3 – O que faz com o dinheiro que ganha com o tráfico



Observa-se que as motivações apontadas para a permanência na rede são as mesmas indicadas para o ingresso, mas a ligação com o grupo e os benefícios no campo subjetivo e simbólico (poder, fama, adrenalina, etc.) parecem ganhar maior relevância com o tempo. Apesar disso, a primazia do dinheiro - traduzida pela possibilidade de consumir – permanece imbatível.

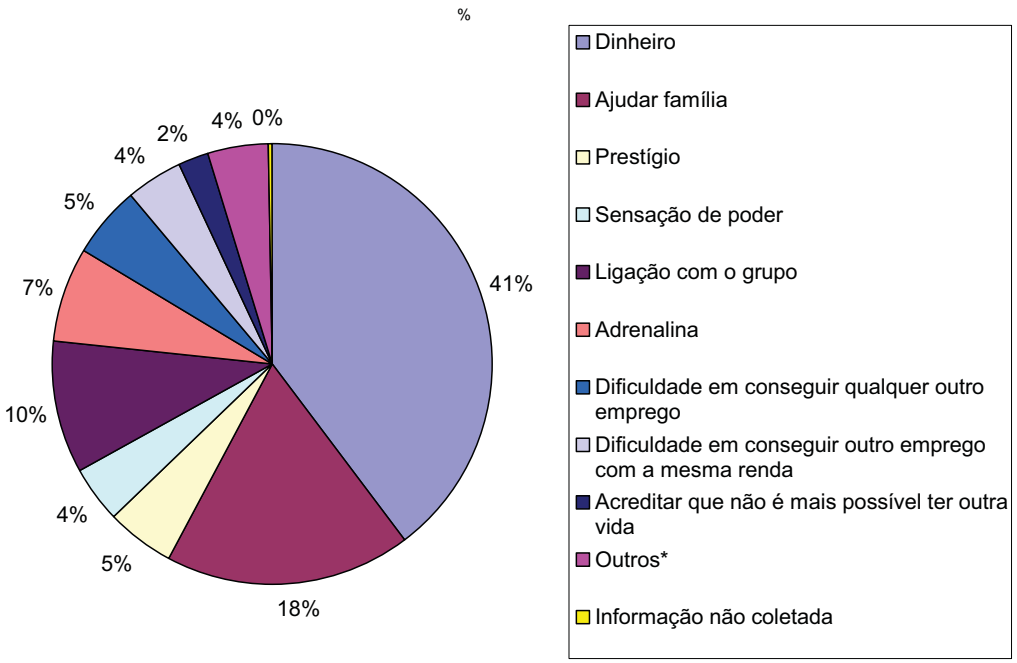
"Eu conheço muitos assim, que gastam o dinheiro com farra, com drogas, com mulheres... eu tive uma fase dessa, porque quando você entra no tráfico você vê muita coisa, você se deslumbra... porque é realmente deslumbrante. As mulheres bonitas, carro, muita droga, tá ligado? É como eu vejo em algumas entrevistas com jogador de futebol - eu sei que é diferente, não estou comparando. Mas aqui dentro é o nosso mundo – então, assim que eu apareço na rua, as pessoas vêm, as pessoas fazem questão de falar comigo! Então, isso aí deslumbra muita gente"- (segurança do dono)

Tabela 5.6 – Fatores que o mantém no tráfico

Fator	Qtd	%
Dinheiro	91	39,6
Ajudar família	42	18,3
Prestígio	11	4,8
Sensação de poder	10	4,3
Ligação com o grupo	22	9,6
Adrenalina	16	7,0
Dificuldade em conseguir qualquer outro emprego	12	5,2
Dificuldade em conseguir outro emprego com a mesma renda	10	4,3
Acreditar que não é mais possível ter outra vida	5	2,2
Outros*	10	4,3
Informação não coletada	1	0,4
Total	**230**	**100**

* Drogas, revolta com a polícia, destino escolhido, mulheres, costume e prazer.

Gráfico 5.4 – Fatores que o mantém no tráfico



5.3. Funções

Na Tabela a seguir temos as funções exercidas pelos 230 adolescentes e jovens no momento da primeira entrevista:

Tabela 5.7 – Ocupação no tráfico em julho de 2004

Ocupação	Qtd	%
Vapor	77	33,5
Soldado	50	21,7
Olheiro	35	15,2
Gerente	27	11,7
Embalador	16	7,0
Avião	5	2,2
Cargueiro (abastecedor)	2	0,9
Outras ocupações*	18	7,8
Total	**230**	**100**

* Contabilidade, "fiel", serviços gerais (apoio logístico, carregador), fornecedor, "homem da mistura".

Se pensarmos a estrutura de trabalho da rede local do tráfico como uma pirâmide, teríamos a base constituída pelas funções mais subalternas - olheiros, aviões e vapores – que incluíam um pouco mais da metade do total dos adolescentes e jovens que participaram da primeira entrevista. Na camada intermediária encontraríamos os soldados e embaladores, onde se situavam cerca de 30% dos entrevistados. Finalmente, no topo estariam os gerentes.

Além de existirem em menor número, os jovens que ocupam as funções mais elevadas dentro da hierarquia do tráfico são menos acessíveis. Nesse sentido, é preciso ressaltar que a forma como estão distribuídas as ocupações dentre os entrevistados reflete as possibilidades de acesso dos articuladores locais aos jovens nas comunidades.

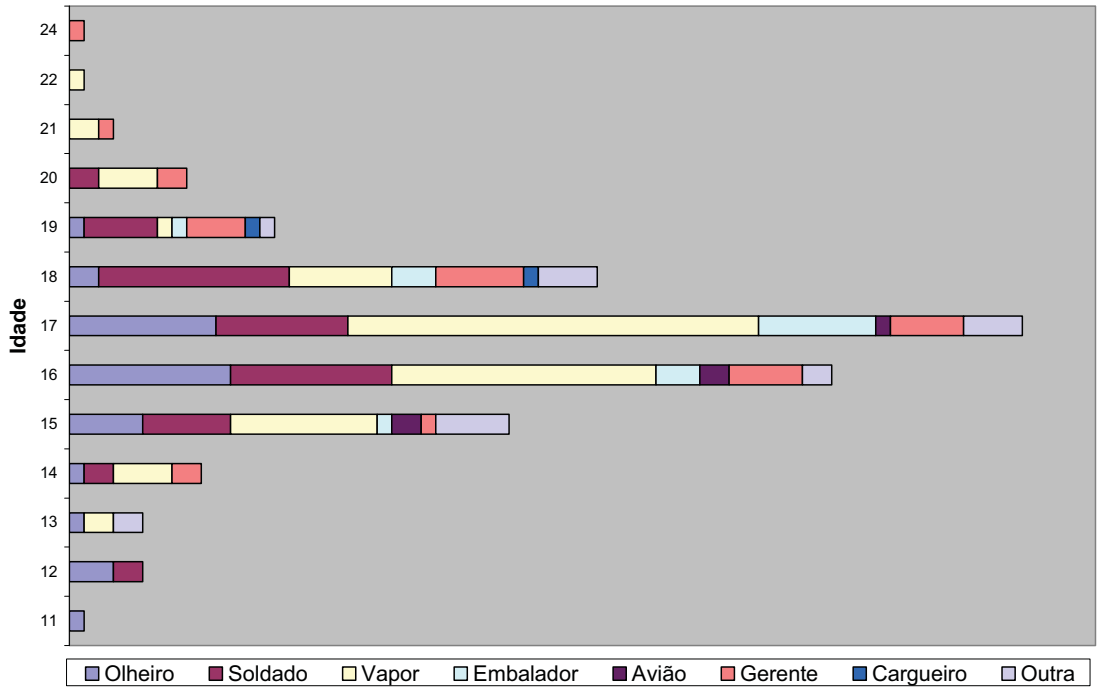
" (...) no tráfico existem várias funções: a função de olheiro, a função de vapor, a função de cargueiro, porque o cargueiro não é igual o vapor, o cargueiro é aquele que transporta a carga de uma boca para outra, o vapor é aquele que vende a carga num lugar só, que fica paralisado ali vendendo. (...) o gerente do preço, o gerente-geral, o frente da favela (...) O frente da favela é contratado para mandar no gerente-geral e nos outros abaixo é ele que resolve quando o Dono da favela não se encontra (...) E tem o contato. É aquela pessoa que quando vai um traficante preso ele desenrola a liberdade do traficante. Geralmente são pessoas não envolvidas no tráfico." – ex-gerente

Quando cruzamos os dados relativos às funções exercidas com a idade dos entrevistados, constatamos que nos últimos anos a redução da média de idade no tráfico não se deu somente nas funções subalternas. Verifica-se que a maior parte das crianças e adolescentes com menos de 16 anos (28%) trabalhavam como olheiros, vapores e/ou avião. No entanto, conforme a tabela abaixo, é possível identificar que, dentre os entrevistados em 2004, havia 19 gerentes com menos de 18 anos, sendo que 8 destes tinham entre 14 e 16 anos. Ou seja, quase 9% do total de adolescentes entrevistados exerciam alguma gerência.

Tabela 5.8 – Idade e Ocupação no tráfico

Idade	Ocupação atual no tráfico								Total
	Olheiro	Soldado	Vapor	Embalador	Avião	Gerente	Cargueiro (abastecedor)	Outra	
11	1								1
12	3	2							5
13	1		2					2	5
14	1	2	4			2			9
15	5	6	10	1	2	1		5	30
16	11	11	18	3	2	5		2	52
17	10	9	28	8	1	5		4	65
18	2	13	7	3		6	1	4	36
19	1	5	1	1		4	1	1	14
20		2	4			2			8
21			2			1			3
22			1						1
24						1			1
Total	**35**	**50**	**77**	**16**	**5**	**27**	**2**	**18**	**230**
%	**15,2**	**21,7**	**34,5**	**6,9**	**2,2**	**11,7**	**0,9**	**7,8**	**100**

Gráfico 5.5 – Idade e Ocupação no tráfico



5.4. Evolução do vínculo

Uma das importantes constatações da pesquisa foi a intensa rotatividade dos adolescentes e jovens empregados nas diferentes funções do tráfico de drogas. Para compreender esta dinâmica é interessante analisar os dados dos 152 entrevistados que foram acompanhados sistematicamente ao longo de cinco meses.

Tabela 5.9 – Funções exercidas em junho de 2004

Função	Nº de adolescentes	%
Vapor	49	32,2
Soldado	40	26,3
Olheiro	32	21,1
Gerente	11	7,2
Embalador	10	6,6
Avião	5	3,3
Outros*	5	3,3
Total	**152**	**100**

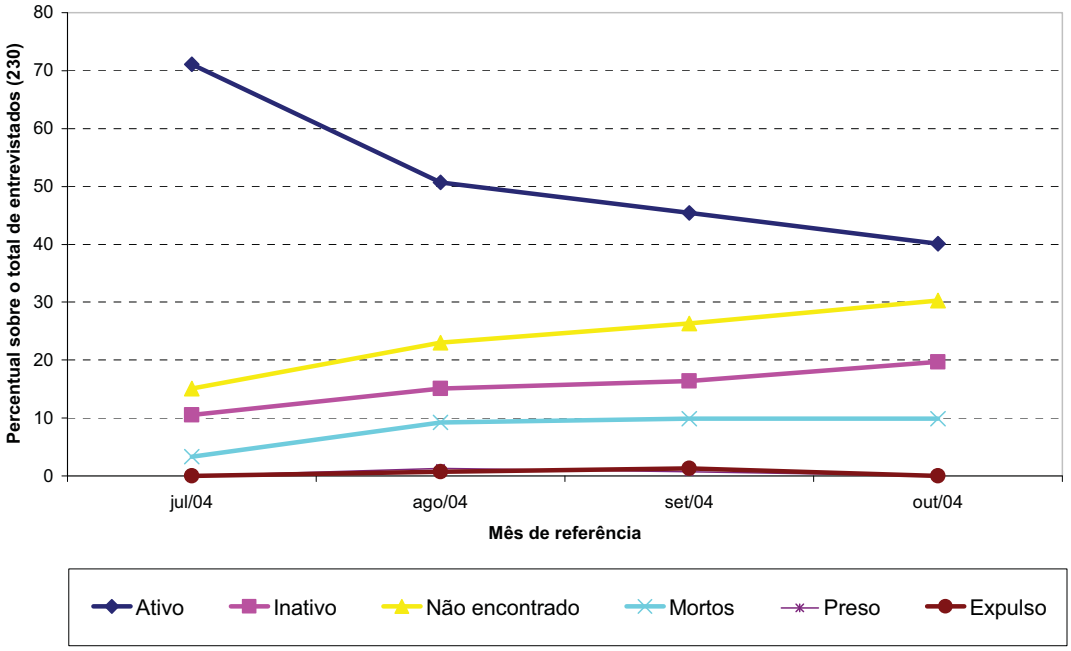
*cargueiro, carregador, serviços gerais e contabilidade

Observamos que no início da pesquisa a maior parte destes jovens (32,2%) exercia a função de vapores, seguidos de 26,3% trabalhando como soldados. Os que exerciam a função de gerentes (incluindo os gerentes gerais e os gerentes de produto) representavam apenas 7,2%.

Tabela 5.10 – Situação do vínculo com o tráfico ao longo do acompanhamento

Situação	Jul/04	%	Ago/04	%	Set/04	%	out/04	%
Ativo	108	71,1	77	50,7	69	45,4	61	40,1
Inativo	16	10,5	23	15,1	25	16,4	30	19,7
Não encontrado	23	15,1	38	25	43	28,3	44	28,9
Morto	5	3,3	11	7,2	11	7,2	15	9,9
Preso	0	0	2	1,3	2	1,3	0	0
Expulso	0	0	1	0,6	2	1,3	2	1,3
Total	**152**	**100**	**152**	**100**	**152**	**100**	**152**	**100**

Gráfico 5.6 – Situação do vínculo com o tráfico ao longo do acompanhamento



Analisando o vínculo que estes 152 adolescentes mantiveram com a rede do tráfico durante os 5 meses de acompanhamento longitudinal, observa-se que dos entrevistados em junho, 29% já não estavam mais trabalhando nas mesmas condições no segundo mês da pesquisa: 10,5% haviam saído do tráfico por opção própria; 15,1% não foram encontrados na comunidade[19] e 4,6% foram mortos.

No primeiro mês de acompanhamento ocorreram 5 mortes de adolescentes e jovens entrevistados. Em agosto mais 6 jovens foram mortos, chegando a 7,2% do total. Neste mesmo mês, os inativos já representavam 15,1%. Assim, no terceiro mês do trabalho de campo, apenas 50,7% ainda permaneciam trabalhando na rede, percentual que caiu para 40,1% no quinto mês. Em números brutos, apenas 61 do total de 152 jovens ainda continuavam no tráfico em outubro de 2004. Cabe destacar o número significativo de mortes registradas ao longo dos cinco meses de acompanhamento: quase 10%[20] dos entrevistados em junho haviam morrido até outubro.

Em 2006, os articuladores realizaram uma nova ida a campos com fim de atualizar as informações sobre os entrevistados, além de coletar outros depoimentos. Por diversas razões, dentre elas a dificuldade de localização dos jovens, foi possível obter apenas informações de 100 jovens. Desse total, 24 continuavam trabalhando no tráfico de drogas, enquanto 32 declararam que não tinham mais vínculos com esta rede. Ou seja, do total inicial da pesquisa, pelo menos 14% não estavam mais na ativa e 10,4% permaneciam exercendo alguma função na rede do tráfico de drogas.

Outros 37 jovens, embora não encontrados na comunidade, tiveram diferentes rumos. Desse total, 20 haviam mudado de endereço, indo morar em outra comunidade

[19] Em relação à categoria "não-encontrados", optamos por considerar estes jovens como não atuantes no tráfico local, já que se encontravam fora da comunidade por afastamento forçado, mudança de endereço ou motivos desconhecidos

[20] Esta porcentagem refere-se ao recorte de 152 entrevistados efetivamente acompanhados durante 5 meses. Se considerarmos o total da pesquisa do perfil de 230 entrevistados no primeiro mês, teremos 6,5% de mortos.

ou em outro Estado. 11 estavam presos ou internados em alguma instituição pública e 4 haviam sido expulsos da comunidade pelo chefe local do tráfico. Dois jovens estavam desaparecidos há mais de um ano, segundo informações de pessoas próximas a eles.

Até o final de 2005, tivemos a notificação de 38 jovens mortos. Após a atualização em abril e maio de 2006, soubemos da morte de mais 7 jovens.

Perguntados sobre os motivos pelos quais haviam deixado o trabalho no tráfico, 13 responderam que estavam empregados em alguma atividade legal e 2 estavam estudando. De acordo com 6 jovens, o trabalho no tráfico não era mais tão rentável e, por isso, optaram por praticar assaltos, enquanto 3 foram expulsos ou afastados. Os demais declararam motivos diversos, tais como: dívidas com a "boca", a não aceitação da troca de comando ou a responsabilidade da paternidade.

5.5. Consumo de drogas

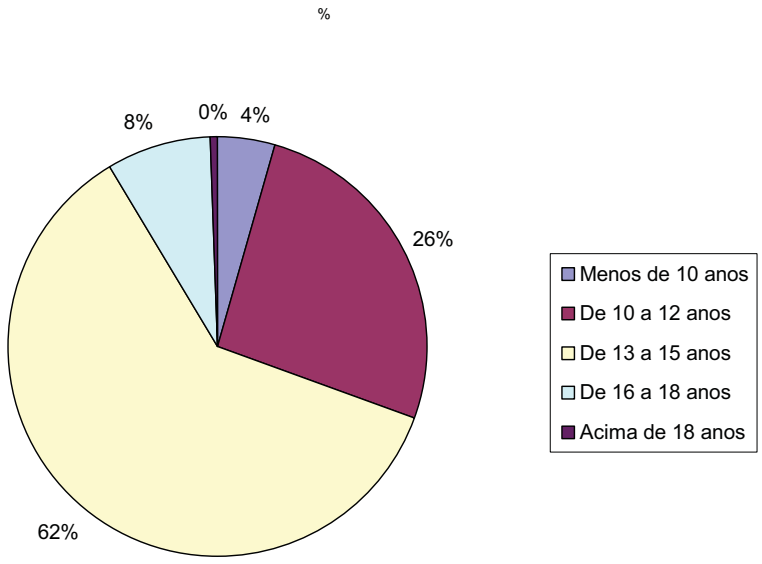
Dos 230 entrevistados, 89,57% declararam fazer uso de alguma substância tóxica. Costuma-se afirmar que aqueles que exercem funções elevadas na hierarquia do tráfico tendem a regular mais o seu consumo devido à responsabilidade e lucidez exigidas para exercer determinadas funções. É válido notar que quase 21% dos que afirmaram não ser usuários exerciam a função de gerentes, enquanto a maior parte dos usuários eram vapores. No entanto, de maneira geral, o que registramos foi uma distribuição bastante equilibrada – em termos de funções exercidas na rede - entre aqueles que disseram não fazer uso de nenhuma droga.

Dos que declararam ser consumidores, cerca de 27% iniciaram o uso de drogas antes dos 12 anos. Porém, a iniciação no consumo se dá principalmente na faixa etária de 13 a 15 anos (60,7%).

Tabela 5.11 – Idade em que começou a fazer uso das drogas

Faixa etária	Qtd	%
Menos de 10 anos	9	4,37
De 10 a 12 anos	54	26,21
De 13 a 15 anos	125	60,68
De 16 a 18 anos	17	8,25
Acima de 18 anos	1	0,49
Total	**206**	**100**

Gráfico 5.7 – Idade em que começou a fazer uso das drogas



Dentre as drogas mais consumidas, a maconha aparece em primeiro lugar com 81%, seguida pelas drogas lícitas, na seguinte ordem: álcool (66%) e tabaco (57%). A cocaína aparece em quarto lugar, com 16%. Assim, embora a cocaína seja a droga ilícita mais comercializada e rentável no Rio de Janeiro, o seu consumo não é tão difundido entre os adolescentes e jovens que trabalham no tráfico. A tabela abaixo apresenta as drogas que os entrevistados já consumiram durante sua vida, ainda que uma só vez [21].

Tabela 5.12 – Tipos de drogas já consumidas

Drogas	Qtd	%
Maconha	197	85,65
Álcool	168	73,04
Cigarro	161	70,00
Cocaína	78	33,91
Haxixe	65	28,26
Loló	46	17,83
Cola	27	11,74
Ecstasy	12	4,78
Tranqüilizantes	11	4,78
Crack	8	3,48
Anfetaminas	4	1,74
Lança perfume	3	1,29
Droga injetável	1	0,43

No que se refere à freqüência com que fazem uso destas drogas, a maconha também aparece como a droga mais consumida, sendo freqüente o consumo diário. Uma das razões para isso pode consistir no fato de que, além de ser mais barata em relação à cocaína, a maconha oferece menores riscos e prejuízos à saúde. A cocaína, quando

[21] É importante destacar que muitas destas drogas estão presentes em apenas algumas comunidades.

utilizada, é consumida em intervalos maiores. A maior parte dos entrevistados que consomem esta droga afirmam utilizá-la somente nos finais de semana. O quadro é semelhante ao consumo do haxixe, que é utilizado, em média, uma vez por semana. Cabe destacar o alto consumo de drogas lícitas, em especial, do álcool e do tabaco.

Tabela 5.13 – Freqüência de uso por tipo de droga

Freqüência	Álcool		Cigarro		Cola		Maconha		Cocaína		Crack		Haxixe		Anfetaminas		Tranqüilizantes		Outras drogas	
	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%
Diariamente	31	13,5	112	48,7			145	63,0	3	1,3	1	0,4	5	2,2					3	1,3
Semanalmente	69	30,0	11	4,8			16	7,0	12	5,2	2	0,9	14	6,1					4	1,7
Somente nos finais de semana	40	17,4	2	0,9			11	4,8	19	8,3			2	0,9			1	0,4	9	3,9
Raramente	12	5,2	7	3,0	7	3,0	15	6,5	3	1,3	2	0,9	17	7,4	1	0,4	8	3,5	14	6,1
Total	**152**	**66,1**	**132**	**57,4**	**7**	**3**	**187**	**81,3**	**37**	**16,1**	**5**	**2,2**	**38**	**17**	**1**	**0,4**	**9,0**	**3,9**	**30**	**13,0**

Em relação ao tipo de drogas que experimentaram entre junho e outubro de 2004 destacam-se o ecstasy e os inalantes (lança perfume e loló). Também houve menção ao Crack, embora com menor incidência. Em 2006 o Crack apareceu com muito mais força.

5.6. Condições de trabalho

Além da exposição sistemática a diferentes tipos de risco para a saúde e da sensação recorrente de iminência de morte, observamos que os adolescentes empregados no tráfico são quase sempre submetidos ao excesso de trabalho. Quase 60% dos entrevistados tinham uma carga de trabalho superior a 10 horas por dia. Grande parte cumpria estas horas sem intervalos e 57,4% disseram não ter nenhuma folga.

De acordo os relatos, o tráfico não costuma estipular uma carga horária a ser cumprida, principalmente no caso dos vapores que ganham por comissão. Mas para que estes consigam atingir um ganho razoável, em muitas ocasiões é necessário que fiquem na boca de fumo durante toda uma noite ou o dia inteiro. Os que trabalham como soldados geralmente fazem plantões com revezamentos organizados de acordo com a quantidade de empregados na função. Os plantões noturnos costumam ocorrer durante toda a madrugada, envolvendo mais de 10 horas consecutivas. Há ainda os casos dos jovens que dizem ficar a disposição durante 24 horas para qualquer missão ou situação de conflito armado.

Tabela 5.14 – Escala de trabalho

Escala de trabalho	Qtd	%
Até 8 horas consecutivas	43	18,7
Até 12 horas consecutivas	99	43,0
Até 18 horas consecutivas	30	13,0
Até 24 horas consecutivas	43	18,7
Outra	13	5,7
Informação não coletada	2	0,9
Total	**230**	**100**

Tabela 5.15 – Carga Horária diária

Carga horária diária	Qtd	%
8 horas por dia	36	15,7
Acima de 8 até 10 horas por dia	32	13,9
Acima de 10 até 12 horas por dia	81	35,2
Acima de 12 horas por dia	56	24,3
Outra	25	10,9
Total	**230**	**100**

Gráfico 5.8 – Carga Horária diária

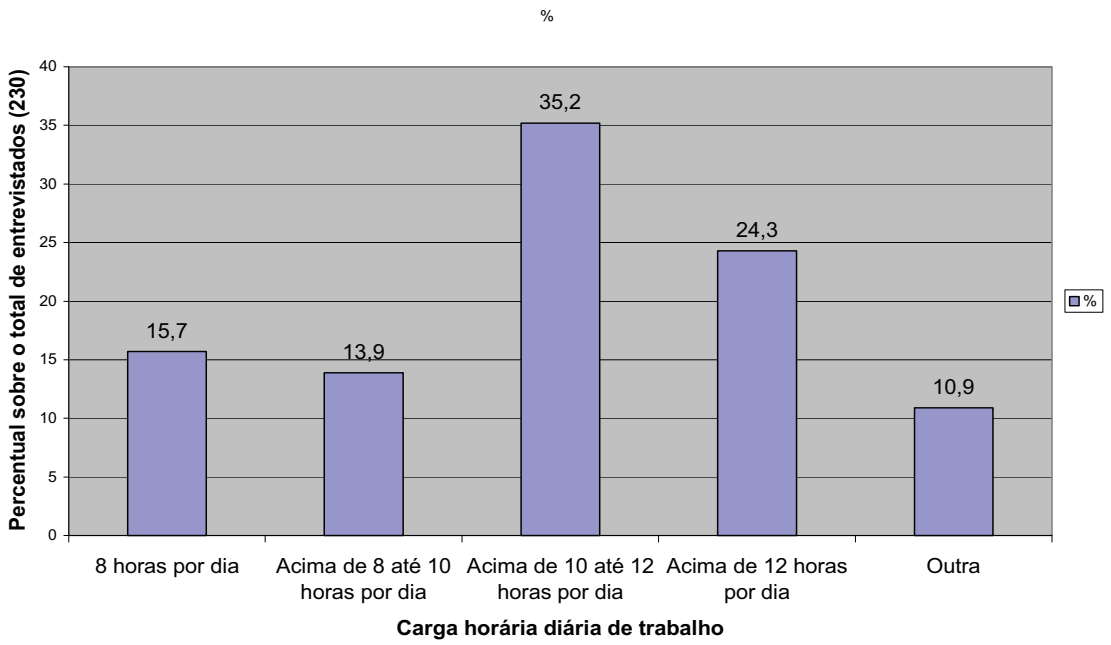


Tabela 5.16 – Dias de folga por semana

Dias de folga semanal	Qtd	%
Um	57	24,8
Dois	34	14,8
Não tem	132	57,4
Informação não coletada	7	3,0
Total	**230**	**100**

5.7. A fragilização dos vínculos com a comunidade de origem

Os dados a seguir revelam uma peculiaridade no cenário atual do tráfico. O sentimento de pertencimento ao local de origem era uma característica comum entre os traficantes até a década de 90. Ainda que o tráfico fosse uma atividade de finalidade fundamentalmente comercial, havia laços de pertencimento à comunidade que

alimentavam o intuito de manter relações amistosas com os moradores[22]. Em muitos casos, a missão de defender a inviolabilidade do território que ocupavam tinha como um dos pressupostos preservar a honra e a dignidade dos moradores[23].

Com o surgimento e fortalecimento de facções ao longo dos últimos anos, este quadro sofreu diversas transformações que tem repercutido sobre os tipos de vínculos estabelecidos com a comunidade. O sentimento de pertencimento que outrora se dava em relação à comunidade, hoje se dá principalmente em relação à facção. Isso se expressa, por exemplo, na declaração de um dos entrevistados, que justificou a sua saída do tráfico por não ter aceito a troca de comando.

Assim, além do estabelecimento de uma relação de trabalho, observa-se um tipo de adesão à facção semelhante à dinâmica dos times de futebol. Não há vínculos sólidos que fixem o jovem envolvido na favela de origem. A princípio, ele está ali em função do que determina o empregador, ou seja, a facção. Nesta perspectiva, cerca de 26% dos entrevistados já haviam realizado alguma atividade ligada ao tráfico em outra comunidade e 6,5% já haviam trabalhado para outro grupo.

Estas atividades externas podem se limitar a "fortalecer" algum outro grupo da mesma facção que esteja em uma situação de conflito e necessite de reforço. Mas também identificamos adolescentes e jovens que trabalharam como vapores em outra favela. Segundo o relato de um articulador local, há o que eles chamam de "ter um preço" em outra comunidade. Isto significa que em troca do apoio em determinado conflito armado o "dono" de uma favela pode oferecer um "preço" em uma ou algumas de suas "bocas" ao grupo que prestou apoio. Ou seja, ele permite que alguns vapores desse grupo vendam drogas em sua comunidade, aferindo assim parte do lucro obtido ali. Os dados daqueles que afirmaram ter trabalhado para outro grupo em algum momento, revelam o caráter fortememente comercial das redes do tráfico de drogas ilícitas no Rio de Janeiro.

Por outro lado, a maioria dos adolescentes e jovens afirmou não ter realizado atividades em outras comunidades durante o período de acompanhamento. Nos casos em que ocorreu algum deslocamento (62 registros em cinco meses), as atividades relatadas foram: assaltos, roubo de carros, participação em invasões, compra de drogas, bailes e "fortalecimento de amigos".

5.8. Rendimentos

Uma das principais transformações identificadas na presente pesquisa é a forte queda dos rendimentos obtidos nas atividades do tráfico de drogas nos últimos dois anos. Os dados da tabela abaixo contrariam as informações existentes até o momento a respeito dos salários dos empregados do tráfico nas favelas[24]. De forma geral,

---

[22] DOWDNEY, L. *Crianças do tráfico. Um estudo de caso de crianças em violência armada Organizada no Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

[23] ZALUAR, A. *A Máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense. 2000 [1985].

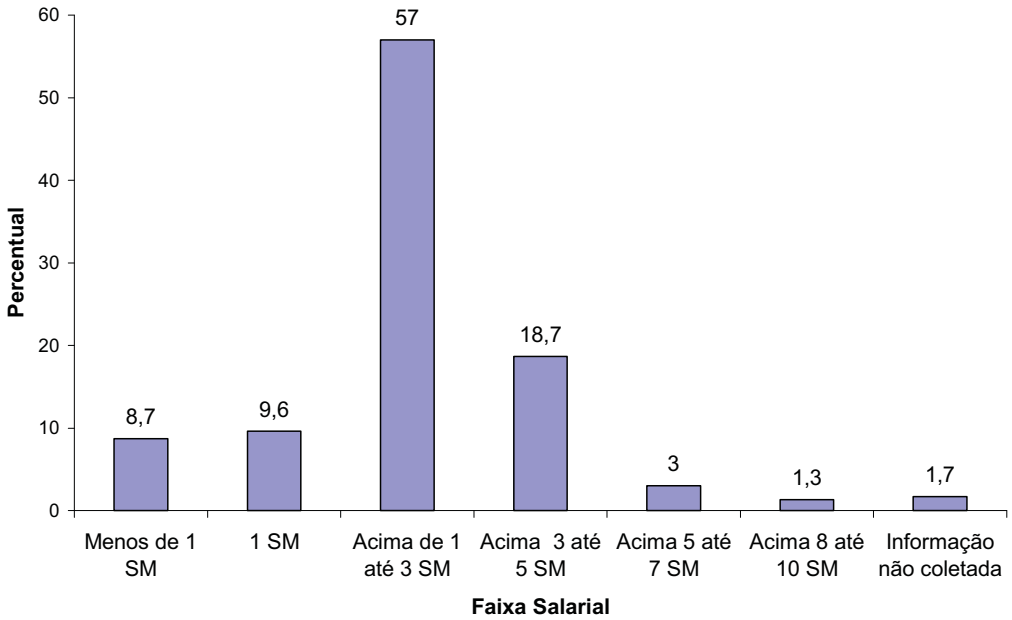
[24] Alguns exemplos: Pesquisa realizada em 2000, no Sistema Aplicado de Proteção ao Adolescente oriundo de Medida Sócio-Educativa por Envolvimento com o Tráfico de Drogas(NETO *et alli*. *Nem soldados nem inocentes*: *juventude e tráfico de drogas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001), descreve que, do total de seus entrevistados que declararam a renda, 40% recebiam valores superiores a 2 mil reais por mês; 27,3% recebiam entre R$ 400,00 e R$ 800,00 reais mensais e 7,3% entre R$ 1.200,00 e R$ 1.600,00 reais. Em 2001, no diagnóstico rápido sobre o trabalho de crianças no

observamos que 75,2% dos 230 entrevistados em 2004 recebiam menos de 3 salários mínimos e cerca de 18% ganhavam até um salário mínimo. Na medida em que neste período o salário mínimo estava fixado em R$ 260, dentro deste grupo o maior salário estava em torno de R$ 780.

Tabela 5.17 – Faixa salarial com base no salário mínimo (R$260,00)

Faixa salarial	Qtd	%
Menos de 1 SM	20	8,7
1 SM	22	9,6
Acima de 1 até 3 SM	131	57,0
Acima 3 até 5 SM	43	18,7
Acima 5 até 7 SM	7	3,0
Acima 8 até 10 SM	3	1,3
Informação não coletada	4	1,7
Total	**230**	**100**

Gráfico 5.9 – Faixa salarial com base no salário mínimo (R$260,00)



No campo dos benefícios materiais obtidos com o trabalho no tráfico constatamos que, além do dinheiro, a alimentação (baseada em refeições e/ou lanches) era garantida para 70,4% dos adolescentes e jovens. Além disso, cerca de 15% declararam receber uma carga extra de drogas como gratificação. Outros tipos de retribuições mais raras consistem em armas e presentes. Uma pequena parcela de

---

narcotráfico encomendado pela OIT, o menor rendimento declarado pelos entrevistados girava em torno de 3 salários mínimos. No estudo realizado por Dowdney em 2003 (op. cit), os rendimentos ainda eram altos: os salários de olheiros, por exemplo, eram até cinco vezes maiores que o salário mínimo no período (R$ 220,00). Os vapores ganhando por comissão, chegavam a ganhos entre R$ 1.500,00 e R$ 3.000,00 mensais dependendo da localidade e as suas especificidades na venda.

entrevistados declarou receber algum dinheiro a mais dependendo da missão cumprida ou carga vendida, o que classificamos abaixo como gratificações eventuais.

Tabela 5.18 – Outros benefícios materiais

Benefícios	Qtd	%
Gratificações eventuais	15	6,5
Alimentação (Refeição/lanche)	162	70,4
Carga extra	35	15,2
Nenhum	98	42,6
Outros:		
Arma	2	0,9
Presentes	1	0,4
Roupas	1	0,4

Na tabela a seguir são detalhados os rendimentos de acordo com a função exercida em 2004. Verifica-se que a faixa salarial de 1 a 3 salários mínimos é a que concentra a maior parte dos empregados nas diversas ocupações. Assim, deduz-se que as funções mais baixas geram ganhos entre 1 e 2 SM, enquanto muitos gerentes recebem salários próximos a 3 SM. Na maioria dos casos, os ganhos dos entrevistados na rede do tráfico permaneceram estáveis ao longo dos 5 meses de trabalho de campo.

Dos 19% que declararam receber entre 5 e 7 SM a maior parte é composta por gerentes e vapores. Em relação a estes últimos, vale lembrar que seus ganhos são por comissão, cujos preços variam de acordo com a comunidade. Daí ser possível um vapor ganhar desde 1 até 5 SM, dependendo da localidade.

Tabela 5.19 – Faixa salarial com base no salário mínimo (R$260,00) e Ocupação atual no tráfico

			Ocupação atual no tráfico								Total
			Olheiro	Soldado	Vapor	Embalador	Avião	Gerente	Cargueiro/ abastecedor	Outra	
Faixa salarial	Menos de 1 SM	Nº	2	2	5	2	4	0	0	5	20
		%	5,7%	4,1%	6,5%	12,5%	80,0%	-	-	33,3%	8,8%
	1 SM	Nº	9	2	6	2	1	0	0	2	22
		%	25,7%	4,1%	7,8%	12,5%	20,0%	-	-	13,3%	9,7%
	Entre 1 e 3 SM	Nº	19	36	50	7	0	12	2	5	131
		%	54,3%	73,5%	64,9%	43,8%	-	44,4%	100,0%	33,3%	58,0%
	Entre 3 e 5 SM	Nº	4	9	13	5	0	10	0	2	43
		%	11,4%	18,4%	16,9%	31,3%	-	37,0%	-	13,3%	19,0%
	Entre 5 e 7 SM	Nº	0	0	3	0	0	4	0	0	7
		%	-	-	3,9%	-	-	14,8%	-	-	3,1%
	Entre 8 e 10 SM	Nº	1*	0	0	0	0	1	0	1	3
		%	2,9%	-	-	-	-	3,7%	-	6,7%	1,3%
Total		**Nº**	**35**	**49**	**77**	**16**	**5**	**27**	**2**	**15**	**226**
		%	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**

* Considerando o rendimento declarado pelos entrevistados que exercem a função de olheiro ou até mesmo outras funções, a declaração deste jovem de que seus ganhos estão nesta faixa parece conter certo exagero. No entanto, optamos por apresentá-la na tabela para garantir a fidedignidade.

Em 2006, dos jovens que ainda se encontravam trabalhando para o tráfico, 17 tiveram ascensão no cargo, dos quais 8 estavam exercendo alguma gerência. Desses 17, todos indicaram um aumento no seu rendimento em relação a 2004. A mesma informação foi dada por outros 4 jovens (2 soldados, 1 segurança e 1 vapor) que não foram promovidos. No entanto, a média da faixa salarial continuava a mesma do início da pesquisa: de 1 a 3 salários mínimos. Esta faixa abarcava 58% dos salários de 2004 e 54% dos ativos em 2006.

Na medida em que estamos trabalhando com anos e valores diferentes é interessante estabelecer uma análise sobre o poder de compra do salário mínimo nos dois anos em questão. Para tanto, tomaremos como referência o valor de uma cesta básica.

Quadro 5.1 – Salário Mínimo e seu poder de compra

Mês e ano de referência	Salário mínimo em R$	Salário mínimo em U$	Cesta básica em R$	Capacidade de compra
Junho de 2004	260,00	82,36	170,92	1,52 cestas básicas
Junho de 2006	350,00	154,10	165,07	2,12 cestas básicas

Fonte: Dieese

Observa-se que o Salário Mínimo teve sua capacidade de compra aumentada entre junho de 2004 e junho de 2006.

Entre os que ocupavam cargos de gerente em maio de 2006, o maior salário declarado foi de três mil reais e o menor de mil reais. Do total de 6 jovens que afirmaram exercer a função de soldado, 5 declararam receber 600 reais, enquanto 1 afirmou receber 900 reais. A média salarial dos “vapores” ficou entre 300 e 400 reais.

Os valores declarados em 2006 também variaram de acordo as comunidades. Contatou-se, por exemplo, que em algumas localidades pagava-se melhor aos vapores do que em outras.

Algumas hipóteses podem ser apontadas para esta queda no padrão de renda dos empregados do tráfico nos últimos dois anos: a diminuição da venda de drogas nas favelas, já que os usuários de classe média temem ir comprá-la; a crise econômica, que afeta o poder de compra dos usuários da favela e da periferia; os conflitos armados contra outras facções e contra a polícia, que obriga ao "dono" fazer um maior investimento em armas, em detrimento dos salários; o aumento da extorsão por parte de policiais, que estão com "autorização para matar", sem temer punição dos superiores ou do poder executivo etc.

Esses dados explicam o fato de um número expressivo de adolescentes e jovens ter declarado o desejo de sair da rede do tráfico, caso tenham oportunidade de trabalhar. Esse desejo é aprofundado pelo aumento brutal das mortes ligadas à sua atividade. O fato positivo desse processo é que ele cria melhores possibilidades de oferta de alternativas para os empregados no tráfico de drogas. Isso porque os altos salários pagos, em relação às ofertas do mercado formal para jovens sem qualificação escolar e profissional é um forte atrativo para a permanência na rede ilícita. Assim, a queda de renda e o crescimento do desejo de saída do tráfico criam melhores condições para o trabalho de prevenção e a proposição de alternativas de forma massiva.

"O tráfico era mais forte (mais rentável) sim. Mas era mais tenso, tinha mais confronto com a policia, tá ligado?" – (segurança do dono)

"(...)era por isso que eu não queria ser vapor, porque eu via que vapor custava muito pra ganhar dinheiro." – (ex-integrante do tráfico)

5.9. Experiências de violência

As próximas tabelas nos trazem um panorama das práticas de violência que tem afetado os moradores das favelas do Rio de Janeiro na atualidade e, em especial, os adolescentes e jovens empregados no tráfico de drogas.

Mais da metade dos entrevistados (53%) já foram detidos pela polícia, sendo que 20% deles em mais de duas ocasiões. Porém, se compararmos estes dados com os referentes a internações em instituições públicas verificamos que, embora 53% tenham sido apreendidos/detidos, apenas 28,3% deram entrada em alguma instituição pública.

É provável que esta incompatibilidade esteja relacionada ao alto número de extorsões relatadas: 54,3% afirmaram terem sido extorquidos, dos quais 31% passaram por esta experiência cinco ou mais vezes. Ou seja, os dados obtidos sugerem que em muitas ocasiões o principal objetivo da abordagem policial não é deter os adolescentes ou encaminhá-los para o sistema de medidas sócio-educativas e sim extorqui-los.

"Tudo nesse mundo, ou quase tudo é dinheiro. Então, o que acontece... a gente manda um dinheirinho pra eles e eles ficam na deles lá, fazendo um churrasquinho e a gente fica na nossa aqui curtindo nossa vida, nosso baile, nosso pagodinho, pegando nossas mulheres". – (segurança do dono)

Tabela 5.20 – Número de vezes que já foi preso/apreendido pela polícia

Prisões/Apreensões	Qtd	%
Uma	43	18,7
Duas	32	13,9
Três	16	7,0
Quatro	9	3,9
Cinco ou mais	22	9,6
Nenhuma	108	47,0
Total	**230**	**100**

Tabela 5.21 – Número de internações em instituições públicas

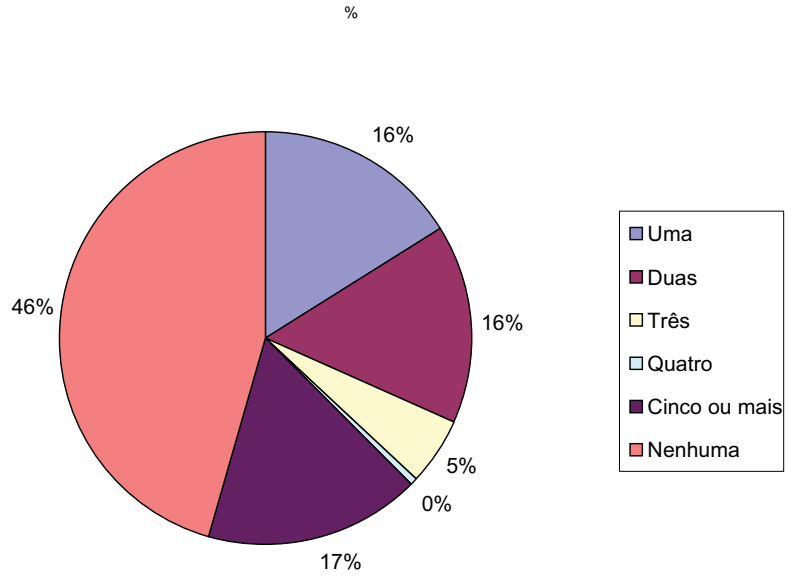
Internações	Qtd	%
Uma	48	20,9
Duas	10	4,3
Três	2	0,9
Quatro	2	0,9
Cinco ou mais	3	1,3
Nenhuma	163	70,9
Informação não coletada	2	0,9
Total	**230**	**100**

"(...) eu fui presa com umas cápsulas de fuzil aí eu perdi 5 mil. Fui presa na comunidade, mas os policiais sabiam quem eu era e perdi mais 5 mil, depois fui presa em outro lugar e perdi 10 mil porque os policiais também sabiam quem eu era (...) Por último, na quarta vez eu perdi 6 mil. Meus amigos fizeram uma vaquinha e deram pra me soltar." – (ex-gerente)

Tabela 5.22 – Número de vezes que já sofreu extorsão policial

Extorsões policiais	Qtd	%
Uma	37	16,1
Duas	36	15,7
Três	12	5,2
Quatro	1	0,4
Cinco ou mais	39	17,0
Nenhuma	105	45,7
Total	**230**	**100**

Gráfico 5.10 – Número de vezes que já sofreu extorsão policial

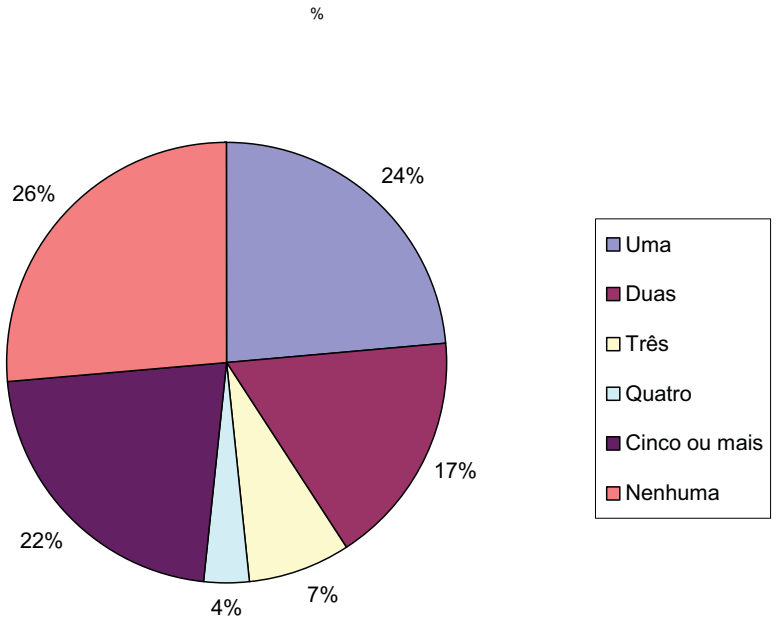


Os números referentes à violência policial superam o número de prisões. 73% dos entrevistados afirmaram que já sofreram agressões físicas perpetradas pela polícia.

Tabela 5.23 – Número de vezes que já sofreu violência policial

Violência policial	Qtd	%
Uma	54	23,5
Duas	40	17,4
Três	17	7,4
Quatro	8	3,5
Cinco ou mais	50	21,7
Nenhuma	61	26,5
Total	**230**	**100**

Gráfico 5.11 – Número de vezes que já sofreu violência policial



A incidência de relatos de situações de violência policial foi muito alta ao longo de todo o acompanhamento.

Tabela 5.24 – Você sofreu algum tipo de violência neste mês?

	Jul/2004	Ago/2004	Set/2004	Out/2004
Sim	26	28	16	11
Não	145	113	98	80
Total	171	141	114	91

No segundo e no terceiro mês da pesquisa, ao menos 10% dos entrevistados sofreu algum tipo de violência perpetrada pela polícia. Os registros diminuem nos meses seguintes, porém neste período também houve uma redução significativa do número de jovens ativos no tráfico. Os principais tipos de violência relatados durante o acompanhamento longitudinal foram, nesta ordem: agressão física, espancamento, extorsão e tiros.

Neste contexto, os confrontos armados são recorrentes e, com freqüência, resultam em mortes. A grande maioria dos entrevistados afirmou já ter participado de troca de tiros. A participação dos adolescentes e jovens em confrontos armados foi contundente ao longo de toda a pesquisa.

Tabela 5.25 – Você participou de algum confronto armado neste mês?

	Jun/2004	Jul/2004	Ago/2004	Set/2004	Out/2004
Sim	167	78	51	36	22
Não	63	93	90	78	69
Total	230	171	141	114	91

Os atores envolvidos nestes confrontos foram fundamentalmente a polícia e os grupos rivais. De acordo com os relatos, o maior número de confrontos costuma ser

com a polícia. 67% dos jovens responderam ter participado de confronto armado com policiais. Desses, 34,8% indicaram ter participado de cinco ou mais confrontos.

Tabela 5.26 – Número de confrontos com a policia

	Qtd	%
Um	20	8,7
Dois	27	11,7
Três	18	7,8
Quatro	11	4,8
Cinco ou mais	80	34,8
Nenhum	74	32,2
Total	**230**	**100**

Também são freqüentes os confrontos armados com grupos rivais. O percentual deste tipo de confronto (53,5%) foi um pouco mais baixo do que o relativo às experiências de confronto com a polícia (67%) . Esta diferença provavelmente se explica pelo fato de que nem todas as comunidades estudadas têm territórios divididos por facções, como é o caso da Maré, onde três facções dividem o Complexo, o que favorece situações de conflito.

Tabela 5.27 – Número de confrontos com grupos rivais

	Qtd	%
Uma	32	13,9
Duas	22	9,6
Três	9	3,9
Quatro	7	3,0
Cinco ou mais	53	23,0
Nenhuma	107	46,5
Total	**230**	**100**

Observa-se que, muitas vezes, os confrontos envolvem diferentes categorias de atores:

Tabela 5.28 – Tipos de confronto

Tipo de confronto	Jun/2004	Jul/04	Ago/2004	Set/2004	Out/2004
Apenas contra a polícia	44	61	37	26	16
Apenas contra grupos rivais	10	13	8	3	2
Contra a polícia e contra grupos rivais	113	4	6	7	3
Nenhum confronto	63	93	90	78	69
Não respondeu					1
Total	**230**	**171**	**141**	**114**	**91**

Diante da alta freqüência de confrontos, há um investimento crescente no uso de armamentos, tanto por parte da polícia como do tráfico. Cerca de 90% dos adolescentes e jovens revelaram portar armas de fogo quando estão em atividade, sendo que 46,5% costumam portá-las diariamente.

"...Se a gente der mole pra eles, eles vão matar a gente, sem pestanejar... então a gente não pode nem pensar em hesitar..." (segurança do dono)

O relato de ferimentos relacionados ao trabalho também foi freqüente durante os meses de acompanhamento. 24% dos entrevistados sofreram algum ferimento provocado por arma de fogo ou arma branca.

Tabela 5.29 – Quantidade de ferimentos sofridos por arma branca ou de fogo

	Qtd	%
Um	38	16,5
Dois	10	4,3
Três	2	0,9
Quatro	0	0,0
Cinco ou mais	5	2,2
Nenhum	175	76,1
Total	**230**	**100**

É interessante notar que ao longo do acompanhamento longitudinal o relato de ferimentos sofridos foi maior do que o de ferimentos provocados no mesmo período. Entre julho e outubro de 2004, foram registrados 54 ferimentos sofridos e 35 ferimentos provocados pelos entrevistados. Os principais relatos foram de ferimentos por arma de fogo e quedas ou fraturas ocorridas durante fugas.

Outro tipo de violência recorrente nas redes sociais ligadas ao tráfico são os castigos. Dentro das favelas, é sabido por todos que os grupos locais armados impõem determinadas regras, cujo descumprimento gera diferentes tipos de sentença. As regras são estabelecidas dentro da própria estrutura organizacional dos grupos criminosos armados com domínio de território. As transgressões envolvem práticas como: dívidas com a boca, problemas de prestação de contas, roubos e furtos na própria localidade, dentre outros "deslizes" classificados como "vacilações".

As punições são variadas, podendo chegar, nos casos mais graves, até a sentença de morte. Para "vacilações" consideradas leves, há aplicações de castigos que envolvem diferentes níveis de violência física. 34% dos jovens afirmaram já ter aplicado algum tipo de castigo contra colegas de grupo ou moradores. Por outro lado, 22% disseram já ter sofrido algum castigo por transgressões cometidas.

5.10. Mortes

A letalidade dos confrontos armados é alta e as principais vítimas são os adolescentes e jovens, seguidos pelos policiais. Além disso, moradores das comunidades não envolvidos diretamente nos conflitos muitas vezes também são atingidos.

Ao longo dos cinco meses de acompanhamento longitudinal em 2004, os jovens relataram 21 mortes distribuídas entre policiais (9), membros de grupos rivais (9) e membros do próprio grupo ou da comunidade (3).

Quase 10% dos 152 entrevistados no mês de junho haviam morrido até outubro de 2004, o que corresponde a 15 mortes. No entanto, se considerarmos os entrevistados inseridos posteriormente a junho teremos um total de 22 mortes neste período. De acordo com os dados obtidos, desses 22 jovens mortos, 15 foram mortos pela polícia, 4

por membros da mesma facção e 2 por algum grupo rival. Também foi registrada uma morte por overdose.

Ao longo dos dois anos de acompanhamento tivemos um número significativo de mortes violentas entre os entrevistados: quase 20% do total. Em abril de 2006, o número de mortos entre os participantes da pesquisa havia chegado a 45, sem contar os muitos adolescentes e jovens que não foram localizados. De acordo com os dados obtidos, a maior parte das mortes contabilizadas - 64,4% - foram provocadas por policiais. Membros de facções rivais e/ou do próprio grupo, foram responsáveis por 22,2% das mortes registradas.

Quadro 5.2 - Relação de jovens mortos

Qtd	Apelido	Idade	Falecimento	Comunidade	Histórico
1	Bernadete	17	Jun/04	Nova Holanda	Morto por policiais militares
2	Pequeno	15	Jun/04	Parque Maré	Morto por policiais militares
3	Cebolinha	15	Jul/04	Parque Maré	Morto por policiais militares durante um assalto
4	Feio	16	Jul/04	Nova Holanda	Morto por policiais militares durante um assalto
5	Negão	17	Jul/04	Baixa do Sapateiro	Morto por policiais militares
6	Tico Maluquinho*	17	Jul/04	Vila Juaniza	Morto por policiais durante um assalto
7	Lion	16	Ago/04	Nova Holanda	Overdose
8	Jefinho	15	Ago/04	Cezarão	Morto por policiais militares durante um confronto.
9	Pimenta	16	Ago/04	Antares	Morto por policias militares durante um assalto.
10	Rato Bis*	22	Ago/04	Vila Juaniza	Morto por grupo rival em confronto
11	Xexéu*	17	Ago/04	Vila Juaniza	Morto por grupo rival
12	Pepe	17	Ago/04	M. do Timbau	Morto por policiais militares
13	T.R.	16	Ago/04	Vila Aliança	Morto por membro do mesmo grupo e facção
14	Fael	17	Ago/04	Vila Aliança	Morto por outro grupo da mesma facção.
15	Metral*	20	Set/04	Vila Juaniza	Morto por policiais civis
16	Ariel*	16	Set/04	Vila Juaniza	Morto por policiais militares
17	Totonho 2T*	16	Out/04	Salgueiro	Morto por policiais militares
18	Lea	17	Out/04	Vila Aliança	Morto por policiais militares
19	Pingo	17	Out/04	Vila Aliança	Morto por policiais militares
20	Lorinho	17	Out/04	Vila Aliança	Morto por outro grupo da mesma facção durante uma invasão
21	C.L*	17	Out/04	M. do Borel	Morto em confronto com a policia
22	Magrinho	14	Out/04	Vila Aliança	Morto por outro grupo da mesma facção
23	Manguinha	16	Nov/04	Vila Aliança	Morto em confronto com outro grupo em Parada de Lucas
24	Nenen	29	Nov/04	Rocinha	Morto por membros do próprio grupo
25	Vivil	18	Nov/04	Vila Aliança	Morto por policiais do BOPE
26	Preto	18	Nov/04	Vila Pinheiro	Morto pelo próprio grupo
27	Edvâvio*	21	Dez/04	Vila Juaniza	Morto por policiais durante um assalto
28	D.G.*	17	Dez/04	Vila Juaniza	Morto por policiais

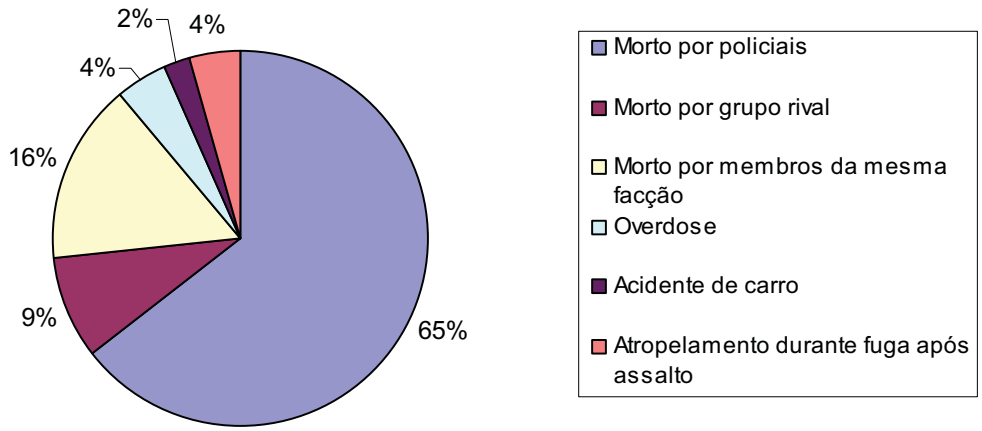
29	Cabeção	17	Jan/05	Parque Maré	Atropelado durante uma fuga após um assalto
30	Lord	18	Fev/05	Baixa do Sapateiro	Morto por membros do próprio grupo
31	Batata*	21	Fev/05	Vila Juaniza	Morto por policiais militares
32	G3	17	Abr/05	M. Andaraí	Morto pela polícia
33	Salgueirinho	17	Mar/05	Sá Viana	Atropelado num assalto
34	Indinho	17	Ago/05	Antares	Morto por policiais militares
35	Nando	16	Ago/05	Antares	Morto por policiais militares
36	Borduega	17	Ago/05	Vila Kennedy	Morto por policiais militares
37	Mizinho	18	Nov/05	Vila Kennedy	Acidente de carro
38	Pirata	14	Dez/05	Mangueira	Morto em confronto com facção rival
39	Do Cantão	17	Jan/06	N. Mandela	Morto por policiais militares em confronto
40	Gatuno	19	Mar/06	Dique	Morto em confronto com a polícia
41	Cris	19	Abr/06	Jacaré	Overdose
42	Gordinho	18	Mai/06	Parque Maré	Morto por policiais militares durante incursão do “caveirão”
43	Ld	19	Mai/06	M. Andaraí	Morto por policiais militares em casa
44	Apertadinho	17	Mai/06	M. Andaraí	Morto por policias militares em casa
45	Branco	16	Mai/06	M. Andaraí	Morto por policiais militares em casa

* A morte destes jovens não foi contabilizada na tabela 5.11, pelo fato dos mesmos não estarem inclusos entre os 152 entrevistados que foram acompanhados de junho a outubro de 2004.

Tabela 5.30 – Relação de jovens mortos

Causas da morte	Quantidade	%
Morto por policiais	29	64,4
Morto por grupo rival	4	8,9
Morto por membros da mesma facção	7	15,5
Overdose	2	4,4
Acidente de carro	1	2,2
Atropelamento durante fuga após assalto	2	4,4
Total	**45**	**100,0**

Gráfico 5.13 – Relação de jovens mortos



É possível verificar ainda uma distribuição bastante desigual destas mortes na cidade. A maior parte das baixas se concentrou na Zona Leopoldina (18) e Zona Oeste (17), enquanto na Zona Sul foi registrada apenas uma morte, conforme tabela abaixo:

Tabela 5.31 – Distribuição das mortes segundo as áreas pesquisadas

Área	Qtd.	% em relação ao total de mortos	% em relação ao total da área	% em relação ao total de entrevistados
Leopoldina	18	40	17,1	7,8
Zona Oeste	17	37,8	34,8	7,4
Zona Norte	9	20	17,5	3,9
Zona Sul	1	2,2	4,5	0,4
Total	**45**	**100**	**-**	**19,5**

Procuramos saber quem, na opinião dos entrevistados, seriam os principais responsáveis pelas mortes no tráfico, oferecendo a possibilidade de que apresentassem mais de uma opção. A polícia foi apontada como a principal responsável, com 85,7% das respostas, seguida pela "guerra" entre facções (46,5%), "vacilações" dentro da facção (27,4%), destino ou vontade de Deus (19,6%) e azar (5,7%).

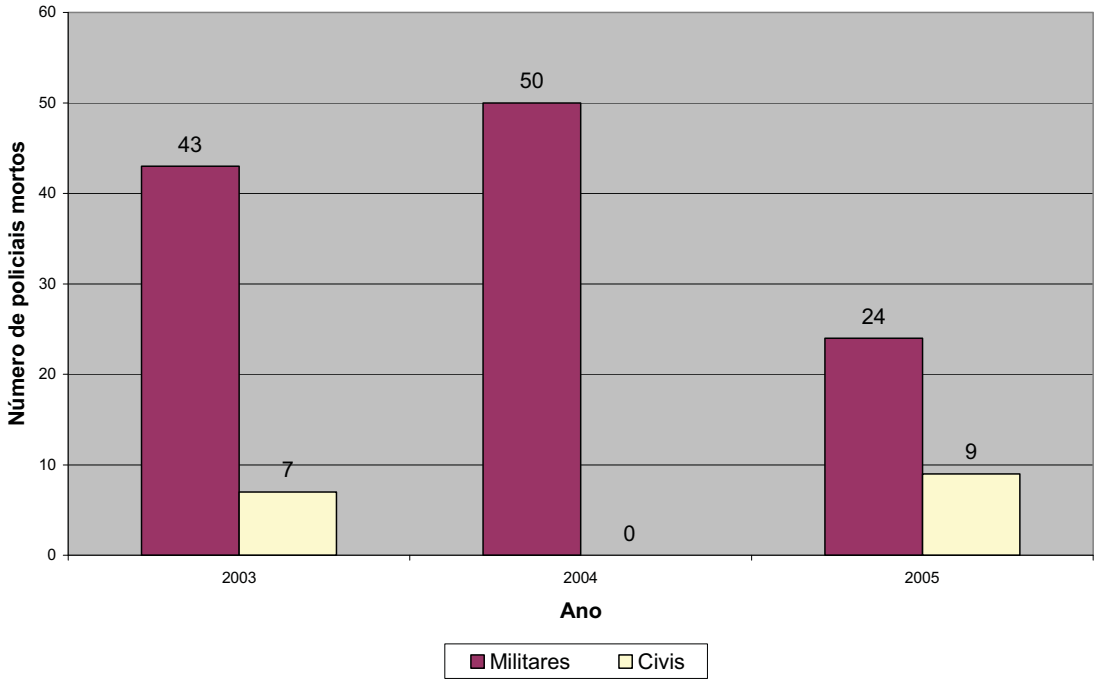
Infelizmente, não dispomos de dados sobre as mortes de policiais em operações nas favelas estudadas no período da pesquisa. No entanto, as informações relativas ao número de policiais mortos em serviço entre os anos de 2003 e 2005 são suficientes para demonstrar que a vitimização de policiais no Rio de Janeiro também é muito alta.

Tabela 5.32 – Policiais mortos em serviço no Estado do Rio de Janeiro – 2003/2005

Ano	Militares	Civis	Total
2003	43	7	50
2004	50	0	50
2005	24	9	33

Fonte: PMERJ

Gráfico 5.14 – Policiais Mortos em Serviço no Estado do Rio de Janeiro – 2003/2005



Fonte: PMERJ

Quando fazemos um recorte dos dados disponíveis correspondentes ao período da pesquisa, verificamos que entre junho e outubro de 2004 foram registradas 22 mortes de policiais militares no Rio de Janeiro, exatamente o mesmo número de mortes de jovens entrevistados na pesquisa relatadas no mesmo período. A diferença é que os dados relativos às mortes de policiais contemplam as ocorrências registradas no Estado do Rio de Janeiro[25] enquanto os dados relativos aos adolescentes e jovens se limitam ao universo de participantes da pesquisa e às comunidades estudadas. Neste sentido, não pretendemos estabelecer comparações, mas apenas apontar que o número de mortes é preocupante em todos os casos.

[25] Dados de 2005, da Polícia Militar, revelam que as mortes de policiais militares no município do Rio de Janeiro respondem por 75% do total de mortes no Estado para o mesmo ano de referência (2005).

Tabela 5.33 – Policiais mortos em serviço no Estado do Rio de Janeiro – junho de 2004 a Dezembro de 2005

2004	Militares	Civis
Junho	3	0
Julho	7	0
Agosto	2	0
Setembro	0	0
Outubro	10	0
Novembro	1	0
Dezembro	7	0
2005		
Janeiro	1	0
Fevereiro	3	1
Março	4	1
Abril	3	1
Maio	1	2
Junho	1	0
Julho	1	0
Agosto	1	0
Setembro	2	2
Outubro	1	0
Novembro	3	0
Dezembro	3	2

Fonte: PMERJ

5.11. Experiências de violência indireta

A exposição dos adolescentes e jovens a situações de violência muitas vezes também ocorre de forma indireta, como é possível verificar nas tabelas abaixo, que agregam práticas de violência perpetradas pela polícia e pelas diferentes facções onde os entrevistados aparecem como espectadores:

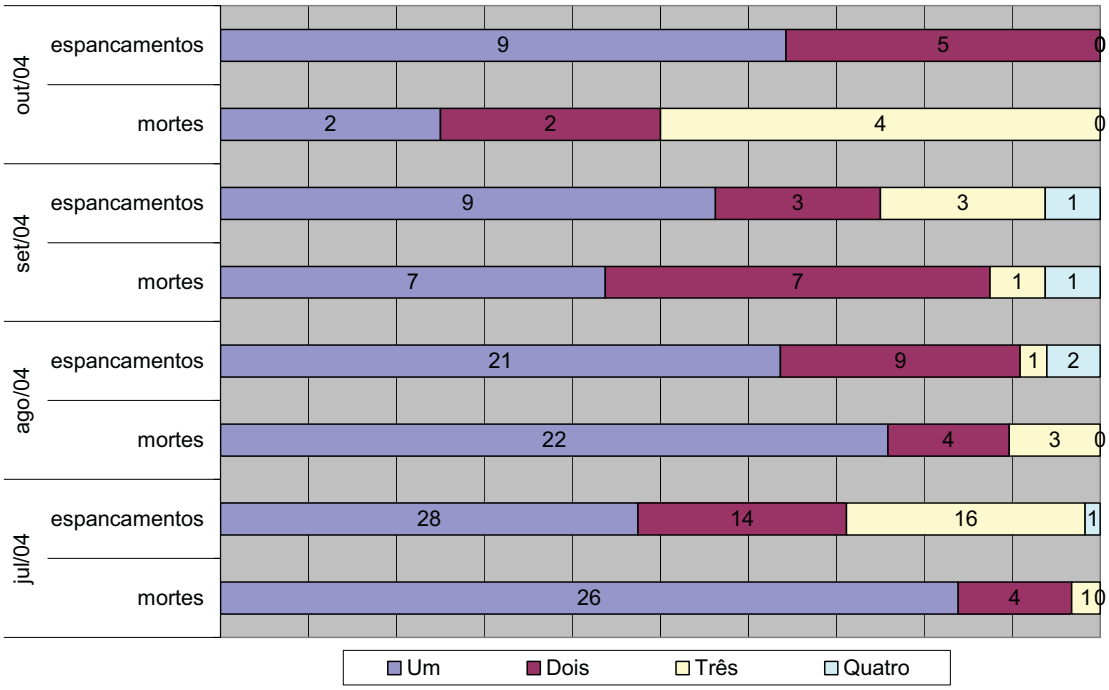
Tabela 5.34 – Número de mortes que presenciou este mês

	Julho/2004	Agosto/2004	Setembro/2004	Outubro/2004
Uma	26	22	7	2
Duas	4	4	7	2
Três	1	3	1	4
Quatro	-	-	1	_
Total de jovens	31	29	16	8
Total de mortes	**37**	**39**	**28**	**18**

Tabela 5.35 – Número de espancamentos que presenciou este mês

	Julho/2004	Agosto/2004	Setembro/2004	Outubro/2004
Um	28	21	9	9
Dois	14	9	3	5
Três	16	1	3	-
Quatro	1	2	1	-
Total de jovens	59	33	16	14
Total de espancamentos	**108**	**50**	**28**	**19**

Gráfico 5.15 – Experiências de violência indireta



Analisando os dados obtidos entre julho e outubro de 2004, observamos que em um período de apenas quatro meses, 84 adolescentes e jovens relataram haver presenciado ao menos uma morte, totalizando 122 mortes registradas. A isso se soma que, no mesmo período, 122 entrevistados relataram a exposição a 205 casos de espancamentos.

Outro dado que merece destaque são as menções à morte e à prisão de diferentes membros da família. Como vimos ao logo deste relatório, um fator marcante na vida dos adolescentes e jovens empregados no tráfico é a proximidade com a morte em vários níveis, inclusive no âmbito familiar.

Observando as duas tabelas abaixo verificamos que 145 parentes dos adolescentes e jovens que participaram da pesquisa foram mortos pelo tráfico. Dezessete jovens tiveram o pai assassinado e dois, a mãe. Se somarmos os pais, as mães, os irmãos, os tios, os primos e aqueles incluídos na categoria "outros" totalizamos 104 parentes mortos por envolvimento com o tráfico.

Tabela 5.36 – Familiares mortos por envolvimento no tráfico

Familiares	Qtd	%
Nenhum	132	57,4
Pai	12	5,2
Mãe	1	0,4
Irmãos	21	9,1
Tios	31	13,5
Primos	36	15,7
Outros familiares	3	1,3
Total de mortos	**104**	

Os dados da tabela seguinte são igualmente preocupantes, pois revelam o quão vulneráveis estão os moradores das favelas de maneira geral. Estes dados indicam o número de familiares mortos pelo tráfico, apesar de não ter nenhum envolvimento com esta rede.

Tabela 5.37 – Familiares mortos pelo tráfico, mas sem envolvimento direto

Familiares	Qtd	%
Nenhum	169	73,5
Pai	5	2,2
Mãe	1	0,4
Irmãos	2	0,9
Tios	12	5,2
Primos	15	6,5
Outros familiares	6	1,6
Total de mortos	**41**	

Perguntados sobre como estava a situação dos conflitos em sua comunidade em maio de 2006, 26 entrevistados responderam que estava "tranqüila". Apenas 5 afirmaram haver algum tipo de conflito interno na facção. Outra questão abordada foi sobre as incursões do "caveirão"[26] nas comunidades estudadas. 25 adolescentes e jovens responderam em 2006 que estas incursões ocorrem freqüentemente em suas respectivas comunidades e envolvem constantes tiroteios. Os que afirmaram que o veículo blindado não entra em sua comunidade eram moradores do Morro do Andaraí. Outros quatro jovens responderam que as incursões só ocorrem quando não há o chamado "arrego"[27].

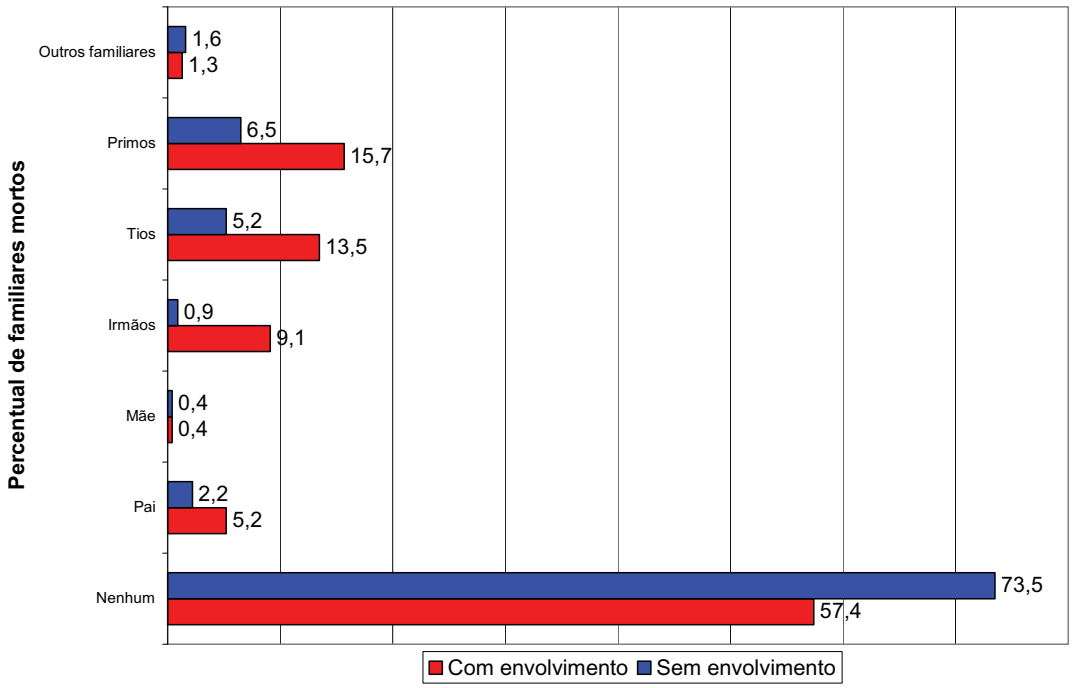
Para 6 entrevistados a ação da polícia é um dos motivos pelo qual houve uma diminuição da guerra entre as facções. Para outros 10 jovens, o principal fator que contribuiu para tal diminuição foi a morte de alguns chefes de facções ou de soldados.

[26] O "caveirão" é um carro blindado adaptado para ser um veículo militar. A palavra caveirão refere-se ao emblema do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE), que aparece com destaque na lateral do veículo. Nas operações realizadas pelo "caveirão", a polícia faz ameaças psicológicas e físicas aos moradores, com o intuito de intimidar as comunidades como um todo. O emblema do BOPE – uma caveira empalada numa espada sobre duas pistolas douradas – envia uma mensagem forte e inequívoca: o emblema simboliza o combate armado, a guerra e a morte. De acordo com relatos de moradores, o tom e a linguagem utilizados pela polícia durante as operações com o "caveirão" são hostis e autoritários. As ameaças e os insultos têm um efeito traumatizante sobre as comunidades, sendo as crianças especialmente vulneráveis.

[27] Propina paga por traficantes aos policiais para que estes não realizem qualquer incursão na favela em determinado período. Geralmente ocorrem para a realização de bailes funks, onde muitas vezes a venda das drogas se dá abertamente sem qualquer intervenção da polícia.

Os conflitos no interior das facções e/ou o seu enfraquecimento bélico foram indicados por 13 entrevistados. De acordo com 24 adolescentes e jovens, nos últimos meses ocorreram tréguas entre as facções, enquanto outros 10 indicaram a ocorrência de conflitos. Apenas 2 entrevistados afirmaram que houve acordos.

Gráfico 5.16 – Familiares mortos e sua relação com o tráfico



5.12. Mudanças no tráfico de drogas no varejo do Rio de Janeiro

Os dados obtidos ao longo de dois anos de acompanhamento da trajetória de 230 adolescentes e jovens indicam que a rede ilícita do tráfico de drogas nas periferias do Rio de Janeiro vem sofrendo algumas transformações no plano cotidiano e estrutural. Tais modificações vão desde o crescente ingresso de crianças nesta rede, até modificações no âmbito subjetivo como a fragilização dos laços de pertencimento à comunidade típicos da década de 70 e 80. O sentimento de pertencimento, que outrora se dava em relação à comunidade, hoje se dá em relação à facção.

"Cria da favela" é um termo comumente utilizado para denominar o individuo que nasceu na comunidade. Ser *cria da favela* foi, durante muito tempo, um importante pré- requisito para ser aceito na rede do tráfico e respeitado na comunidade. De acordo com os dados obtidos, observa-se o predomínio de adolescentes e jovens que moram há mais de 10 anos na atual comunidade. Por outro lado, é relevante o percentual de jovens empregados no tráfico de drogas que afirmaram não ser *crias* das comunidades em que trabalham: quase 20% declararam morar há menos de 10 anos na atual comunidade e quase 31% já residiram em outra comunidade, dado que aponta para outro elemento novo na configuração da rede.

"- Se dá preferência para "cria do morro"?

- Com certeza, hoje em dia não". – (segurança do dono)

Dentre as modificações, também merece destaque a inclusão, nas vendas, de novas drogas, que há pelo menos dez anos não figuravam no mercado de drogas ilícitas do Rio de Janeiro. Atualmente, há, além da já consolidada Loló, uma crescente comercialização do Crack, que até pouco tempo tinha forte demanda sobretudo nas periferias de São Paulo. Segundo alguns relatos, há ocasiões em que a procura desta droga é maior que a oferta:

"Quando tem, a venda é rápida"(soldado).

Alguns chegam a afirmar que a venda do Crack tem aumentado significativamente os ganhos dos donos:

"A procura está muito grande e deixando os patrões ricos!" (ex-traficante)

Outras drogas ilícitas como o Ecstasy e lícitas como o Viagra, também vêm se difundindo em algumas favelas do Rio de Janeiro, apesar de seu elevado preço.

A partir das informações levantadas sobre os preços médios das drogas nas comunidades pesquisadas em 2006, obtivemos os seguintes dados:

Maconha – aparece como a droga mais barata. Pode ser adquirida em média por 5 reais. Mas o que define o seu valor é a quantidade e principalmente a "qualidade". De acordo 16 entrevistados, o preço varia entre 2 a 10 reais, dependendo desses fatores. Para 17 entrevistados ela ainda pode ser encontrada por 1 real.

Cocaína – O menor preço da principal droga comercializada no Rio de Janeiro é 5 reais. Porém, assim como a maconha, seu preço varia de acordo com a quantidade e a qualidade. Assim, 17 jovens indicaram que o valor da cocaína varia de 5 a 20 reais, enquanto outros 6 afirmam que o preço oscila entre 5 e 15 reais.

Cheirinho da loló – Inalante que também é conhecido simplesmente como "loló". Segundo os articuladores esta droga teve seu consumo difundido em grande escala há pelo menos 4 anos. A maior parte dos entrevistados declarou que ela é vendida por 5 reais. Porém, 8 jovens afirmaram que o Loló pode ser vendido por até 10 reais.

Ecstasy – Esta droga aparece como a mais cara vendida atualmente. Segundo 21 entrevistados, ela pode ser encontrada por mais de 25 reais, sendo a média de preço em torno de 30 reais.

Crack – O preço do crack é semelhante ao praticado na venda da cocaína. 35 jovens responderam que é possível comprá-lo por 10 reais. No entanto, de acordo 12 respostas, o menor preço encontrado é 5 reais.

As variações de preços se dão não só pela quantidade e qualidade, mas também de acordo com a localidade onde é vendida. É preciso salientar ainda que nem todas as

comunidades dispõem de todas as drogas mencionadas. Segundo relatos de jovens do Morro do Andaraí, por exemplo, o ecstasy e o viagra ainda não eram vendidos por lá. Já o crack não seria vendido na comunidade do Morro do Barbante. Porém, a crescente procura pelo crack é o que há de comum na maioria dos relatos dos entrevistados.

Uma outra questão interessante no cenário atual é a crescente migração de jovens do tráfico para a prática de assaltos, os denominados "155" e "157" (referência aos artigos do código penal brasileiro). Esta tendência é explicada por eles como uma conseqüência da queda dos lucros auferidos no tráfico nas favelas, o que tem motivado alguns jovens a largar suas funções de vapor ou soldado para praticarem pequenos furtos e roubos. Esta hipótese foi constatada na declaração de 15 jovens que afirmaram ser mais rentável praticar o "155 e o "157". Outra justificativa apresentada pelos jovens é a maior autonomia que esta atividade possibilita, já que não implica necessariamente na submissão a um "patrão".

Não é rara, porém, a incidência de jovens que praticam ambos atos ilícitos. Neste caso, como afirmam dois entrevistados, *"é uma alternativa quando o movimento está fraco"*, referindo-se à busca por ganhos em assaltos quando o que estão ganhando na boca de fumo não é suficiente. Conforme os entrevistados, os ganhos do chamado "bonde do 155 e 157"[28] superam apenas o que se ganha nas funções situadas abaixo de uma gerencia do tráfico como, por exemplo: vapores, soldados e olheiros.

A relação entre o "bonde do 155 e 157" e o "os caras da boca", nem sempre é tranqüila, embora a maioria afirme que sim. Segundo alguns jovens, existe uma certa rixa entre os dois grupos. Os jovens empregados na boca de fumo muitas vezes acusam os envolvidos no outro grupo de serem esnobes, já que costumam possuir mais dinheiro e bens de consumo. Estes, por sua vez, reclamam que às vezes são obrigados a vender suas mercadorias roubadas pelo preço que os traficantes determinam.

"(...) quando eu roubava preferia vender para moradores, já que os caras da boca pagam o quanto querem" – (ex-empregado do tráfico).

"Aqueles molequinhos que roubam carro não tem a ver com o tráfico. A relação deles com a gente é a seguinte: Eles roubam o toca-fita, roubam o telefone, trazem pra favela e a gente compra..." – (segurança do dono)

Outro exemplo de modificações que vem ocorrendo no atual cenário do tráfico de drogas são as novas configurações da estrutura de trabalho. Existe, em várias comunidades, uma nova função denominada gerente de fogueteiros[29]. A esta função cabe a responsabilidade de organizar os pontos de posicionamento das crianças e adolescentes incumbidos de alertar os colegas da presença de policiais na comunidade; comprar e distribuir os fogos de artifícios aos mesmos e realizar os seus pagamentos. Conforme uma das articuladoras locais da pesquisa, o gerente de fogueteiros, muitas

[28] Apesar de muitos entrevistados utilizarem a expressão "bonde" para se referirem ao grupo que se dedica aos assaltos a mão armada, não temos elementos suficientes para avaliar se o "bonde" se organiza como uma rede ilícita. Em diversos casos parece funcionar apenas como uma atividade ilícita isolada e autônoma, ou que no máximo mobiliza um pequeno grupo em um momento pontual. Esta é uma questão que merece aprofundamento em outros estudos.

[29] A utilização de fogos de artifício se consolidou como o principal instrumento de aviso da chegada de policiais na comunidade. Geralmente praticada por crianças e adolescentes iniciantes no tráfico, é uma função com remuneração muito baixa. Aparelhos de radio-transmissor também são bastante utilizados para tal fim, dentre outras coisas.

vezes, é a pessoa que intermedia a negociação e o pagamento de propina aos policiais. Não é raro que esta função seja ocupada por mulheres. Ainda segundo esta articuladora, os embaladores que até algum tempo atrás eram pessoas que tinham um vínculo claro com a rede do tráfico e eram remuneradas mensalmente, hoje podem ser trabalhadores formais ou desempregados que prestam tal serviço de forma esporádica ou pontual.

Finalmente, diversas entrevistas apontam a diversificação das atividades relacionadas à rede ilícita em questão:

"... a venda da droga é a principal fonte de renda do tráfico, mas tem os roubos, o furto de carro, entendeu? E há uma coisa que vem crescendo que é a taxação do gás, hoje o tráfico na maioria das comunidades tem uma forma de taxar o gás, taxar o botijão. Há também a questão do transporte alternativo, isso é muito escondido mas o tráfico tem uma certa influência. Algumas redes de transporte alternativo estão cheias de motoristas como se fosse um imposto por segurança pro cara ter uma segurança. E na minha comunidade o que me espantou muito foi a questão do envolvimento do tráfico com a máfia do caça-níquel... no caso da minha comunidade – eles fizeram um acordo com o tráfico. Eles dão um valor, um dinheiro pro tráfico... De certa forma foi uma forma que eles acharam do tráfico estar fazendo a segurança do serviço deles". (ex-endolador).

*"Tem o tráfico das máquinas, o tráfico do gás, sabe, tudo isso tem envolvimento com o tráfico tudo, o caça-níquel, o gás de cozinha... cerveja, remédio... Muitos deles, eles fazem o quê: eles emprestam revolveres para o pessoal ir buscar na rua ali ... Se a carga vale cem mil (R$ 100.000,00) eles compram por cinqüenta (R$ 50.000,00). É um tráfico, né?...E em relação a segurança... (nas empresas que tem ao redor da favela) assim, por exemplo, McDonald´s, empresa de ônibus essas coisas todas, tudo paga propina para traficante**...**" (ex-gerente).*

Acreditamos que as circunstâncias atuais favorecem a denominação desses grupos não mais como "tráfico de drogas" pura e simplesmente, já que suas atividades vêm se diversificando cada vez mais, em que pese o fato das drogas ainda ocuparem um papel maior em suas atividades. Acreditamos que a denominação mais adequada para estes grupos seja a de "Grupos Criminosos Armados com Domínio de Território", algo que, no nosso entender, não se restringe apenas aos grupos de traficantes, mas também aos grupos que se organizam a partir da articulação entre uso de armas, negócios ilícitos ou irregulares e o controle de áreas geográficas.

Num esforço de síntese, poderíamos dizer que, **Grupos Criminosos Armados com Domínio de Território** são redes criminosas territorializadas que atuam em atividades econômicas ilícitas e irregulares, como o tráfico de drogas e estabelecem cobranças indevidas sobre diversos serviços em uma base territorial específica, fazendo uso da força física e da coação – especialmente pelo uso de armas de fogo -, como principais meios de manutenção e reprodução de suas práticas.

5.13. Avaliação da vida no tráfico

Na primeira entrevista apenas 24,3% dos adolescentes e jovens se diziam satisfeitos com a vida que levavam no tráfico. Isso abria uma brecha para explorarmos as alternativas que eles vislumbravam para estabelecer novos vínculos com outras redes sociais.

Tabela 5.38 – Grau de satisfação com a vida atual

Grau de satistação	Qtd.	%
Alto	56	24,3
Médio	91	39,6
Pequeno	53	23,0
Nenhum	30	13,0
Total	**230**	**100,0**

Um grande número de jovens (73,5%) afirmou que o risco de vida é o aspecto mais negativo do cotidiano no tráfico. O intenso convívio com diferentes tipos de violência e a participação em conflitos armados justificam este receio, pois a iminência do envolvimento em uma situação fatal se coloca como possibilidade permanente. O risco de ser preso aparece em segundo lugar, embora em uma proporção bem menor (8,7%).

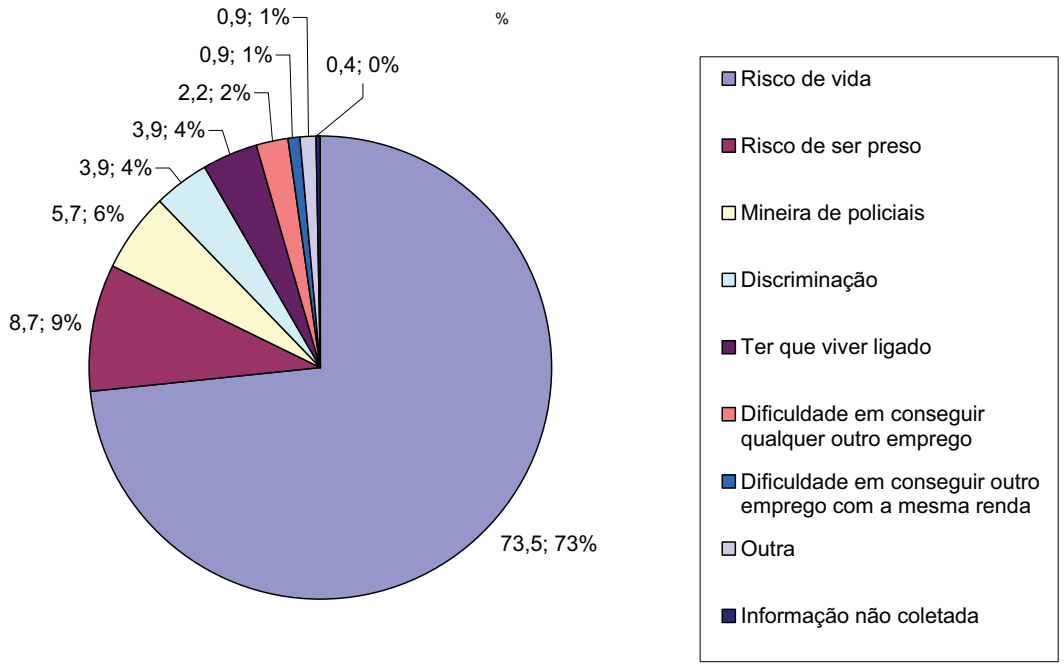
Em qualquer caso, o medo permeia a vida dos empregados desta rede. As respostas sobre os aspectos negativos do trabalho no tráfico de drogas apontam condições muito precárias, que não têm nada do glamour frequentemente aspirado quando ingressam.

"(...)é muito importante a gente acordar e não ser perseguida como eu era perseguida por quadrilhas rivais, por policiais que me perseguiam e eu não podia dormir num lugar só, vivia minha vida cada dia eu tinha que dormir num lugar, minha vida era muito sacrificada, muito corrida(...) é uma vida sofrida, uma vida miserável." (ex-gerente de boca de fumo).

Tabela 5.39 – Aspectos mais desagradáveis do trabalho no tráfico

Aspectos mais desagradáveis	Qtd	%
Risco de vida	169	73,5
Risco de ser preso	20	8,7
Mineira de policiais	13	5,7
Discriminação	9	3,9
Ter que viver ligado	9	3,9
Dificuldade em conseguir qualquer outro emprego	5	2,2
Dificuldade em conseguir outro emprego com a mesma renda	2	0,9
Outra	2	0,9
Informação não coletada	1	0,4
Total	**230**	**100**

Gráfico 5.17 – Aspectos mais desagradáveis do trabalho no tráfico



"(...) eu estou nessa vida pra arrumar o meu dinheiro e, daqui há um tempo, sair." (soldado)

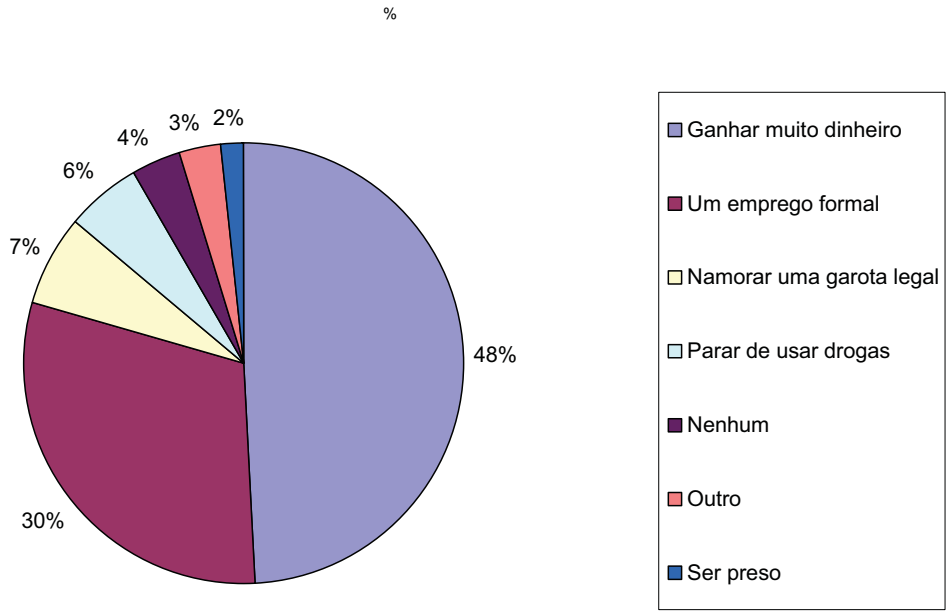
Com uma vida centrada no imediato, norteada pelo consumismo e limitada sob as perspectivas de tempo e espaço, estes jovens possuem poucas referências para além de sua vida cotidiana, o que os leva muitas vezes a não traçar qualquer projeto de futuro. Praticamente a metade dos 230 entrevistados revelou que somente ganhando ou acumulando muito dinheiro abandonariam suas atividades no tráfico. Se adicionarmos a este grupo aqueles que afirmaram que nenhum fator contribuiria para sua saída, teremos um total de 52,6% que sinaliza para uma possibilidade remota de isto ocorrer. Por outro lado, também obtivemos respostas e acompanhamos trajetórias que revelam que, para muitos, as possibilidades de saída do tráfico são factíveis.

Tabela 5.40 – Fatores que contribuiriam para sair do tráfico

Fatores	Qtd	%
Ganhar muito dinheiro	113	49,1
Um emprego formal	70	30,4
Namorar uma garota legal	15	6,5
Parar de usar drogas	13	5,7
Nenhum	8	3,5
Ser preso	4	1,7
Outros:	**7**	
Família	*2*	*0,9*
Mudar de endereço	*2*	*0,9*
voltar a estudar	*1*	*0,4*
Entrar para a igreja	*1*	*0,4*
Parar de usar drogas	*1*	*0,4*
Total	**230**	**100**

Como vimos anteriormente, há uma grande rotatividade dentro da rede do tráfico de drogas nas favelas. Não são raros os jovens que passam algum tempo nesta atividade e buscam outros caminhos, bem como aqueles que se afastam e retornam após algum tempo. Temos um percentual considerável de entrevistados (quase 40%) que já se afastaram da rede de forma voluntária, o que indica a relevância de se trabalhar na construção de alternativas para os que desejam sair do tráfico.

Gráfico 5.18 – Fatores que contribuiriam para sair do tráfico



É interessante constatar que, mesmo permanecendo vinculados à rede do tráfico, os adolescentes e jovens que participaram da pesquisa afirmaram que pensam em abandoná-la com freqüência Os principais fatores que levaram os jovens a pensar em abandonar o tráfico ao longo da pesquisa foram: a pressão da família, o nível de riscos, o medo da morte, o cansaço relacionado ao tipo de vida, o desejo de "mudar de vida" (trabalhar em outra atividade, construir uma família, etc) e a morte de colegas:

> *"Eu comecei a perder, como eu disse, os amigos que eu mais gostava e aquilo foi me desiludindo(...)" (ex- gerente)*

Por outro lado, os argumentos que justificam a permanência no tráfico se concentraram na necessidade econômica e na falta de oportunidades. Efetivamente, as oportunidades que surgiram para os entrevistados de desenvolver outros tipos de trabalho ao longo da pesquisa de maneira geral foram escassas.

Além disso, todas as possibilidades de trabalho relatadas envolviam atividades e vínculos precários, como os que eles haviam experimentado anteriormente: moto-táxi, cobrador de kombi, entregador de panfleto, vigia de carro, vendedor de balas, faxineiro, ajudante de eletricista, entre outros. As atividades mais citadas como alternativas acessíveis no período da pesquisa foram: ajudante de pedreiro e "propaganda política".

Sete jovens também mencionaram a realização de cursos de capacitação ou a inserção em projetos comunitários que envolviam a concessão de bolsas.

Das 84 propostas de trabalho recebidas pelos adolescentes e jovens entre julho e outubro de 2004, somente 42 foram aceitas. Os principais motivos que levaram alguns entrevistados a aceitar estas propostas foram: o desejo de sair do tráfico ou de "dar um tempo", a necessidade de aumentar a renda (por razões diversas que vão desde pagar dívidas até sustentar os filhos) e a busca de uma maior tranqüilidade ou da ampliação de perspectivas de futuro através da saída da rede ilícita.

Por outro lado, as razões que apareceram como barreiras para a inserção dos jovens em atividades lícitas estão diretamente relacionadas ao seu baixo nível de escolaridade e de qualificação, o que costuma ser agravado pela falta de experiência nas funções que pretendem exercer. Além destas exigências, que crescem a cada dia no mercado, alguns adolescentes relataram ter perdido oportunidades profissionais por critérios etários ou por não dispor dos documentos solicitados.

Também foram identificados alguns fatores associados à restrição dos seus espaços de movimento em função de conflitos anteriores e da vinculação a determinada facção. No entanto, a principal razão apontada pelos adolescentes e jovens para não terem aceito as propostas de trabalho que surgiram durante a pesquisa, ou para terem abandonado rapidamente estas atividades foi o baixo nível de rendimentos obtidos, o que se deve à precariedade do tipo de trabalho ao qual costumam ter acesso.

Quando os entrevistados falam sobre seus desejos, aqueles relacionados a "ganhar muito dinheiro" e adquirir bens de consumo aparecem em primeiro lugar. Em segundo lugar, aparecem os desejos relacionados à vida profissional. A maior parte manifesta o desejo de sair da ilegalidade para ingressar no mercado de trabalho. No entanto, as aspirações profissionais são diversas, contemplando desde a carreira militar até atividades na área do esporte ("ser jogador de futebol") e da cultura (" formar um grupo de funk"). Em contrapartida, o desejo de voltar a estudar só foi expresso por um entrevistado.

O terceiro campo de aspirações está relacionado à família. 11,7% das respostas podem ser enquadradas neste grupo, envolvendo questões como a paternidade, o desejo de estabelecer novos vínculos ou de fortalecer relações que foram abaladas em algum momento e a necessidade de proteger parentes queridos.

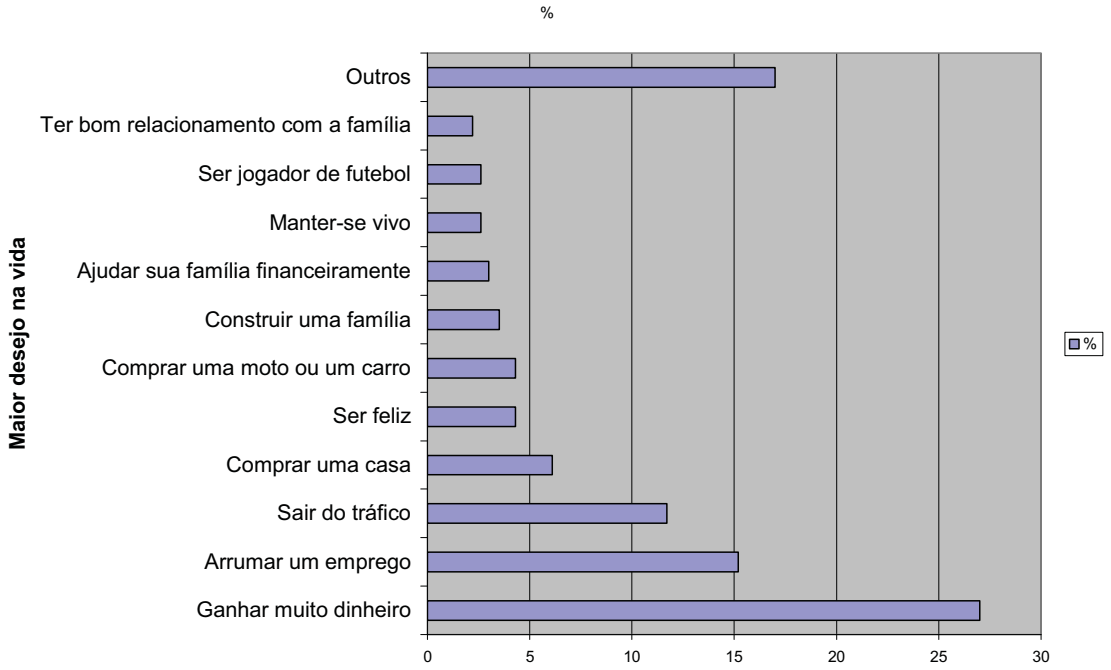
Por último, podemos situar as respostas mais diretamente relacionadas à vida na rede do tráfico de drogas ilícitas, onde aparecem desde projetos de ascensão na hierarquia da rede ilícita até o desejo de simplesmente manter-se vivo.

Tabela 5.41 – Maior desejo na vida

Desejo	Qtd	%
Ganhar muito dinheiro	62	27,0
Arrumar um emprego	35	15,2
Sair do tráfico	27	11,7
Comprar uma casa	14	6,1
Ser feliz	10	4,3
Comprar uma moto ou um carro	10	4,3
Construir uma família	8	3,5
Ajudar sua família financeiramente	7	3,0
Manter-se vivo	6	2,6

Ser jogador de futebol	6	2,6
Ter bom relacionamento com a família	5	2,2
Criar os filhos ou estar perto deles	4	1,7
Ter saúde	3	1,3
Ser militar	3	1,3
Sair da comunidade	3	1,3
Arrumar uma garota legal	2	0,9
Crescer profissionalmente	2	0,9
Ser bem de vida	2	0,9
Ganhar um cargo melhor na boca	2	0,9
Ser dono da boca	2	0,9
Muita paz na favela	2	0,9
Ficar no tráfico	1	0,4
Comprar um video-game	1	0,4
Ter as coisas que gosta	1	0,4
Favela unificada	1	0,4
Nunca ir preso	1	0,4
Matar um policial	1	0,4
Não tem sonhos	1	0,4
Ter tranquilidade na vida	1	0,4
Mudar de vida com o marido	1	0,4
Que o irmão não entre nessa vida	1	0,4
Tirar os avós da comunidade	1	0,4
Ver os amigos crescerem	1	0,4
Voltar a estudar	1	0,4
Ter um grupo de funk	1	0,4
Informação não coletada	1	0,4

Gráfico 5.19 – Maior desejo na vida



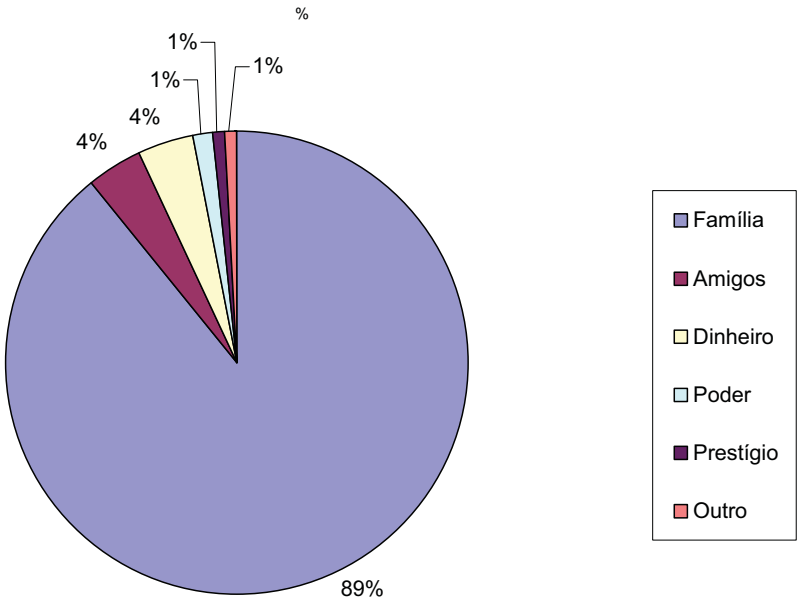
Finalmente, é importante ressaltar que se por um lado os entrevistados nesta pesquisa colocam em evidência que almejam dinheiro, bens materiais ou êxito dentro

tráfico, quando falam de valores é a família que surge em primeiro plano. Os amigos e o dinheiro aparecem em segundo lugar, seguidos de poder e prestígio. A tabela que fecha este relatório traz o que os entrevistados apontam como o bem mais importante em suas vidas.

Tabela 5.42 – Bem mais importante da vida

Bem	Qtd	%
Família	205	89,1
Amigos	9	3,9
Dinheiro	9	3,9
Poder	3	1,3
Prestígio	2	0,9
Outro	2	0,9
Total	**230**	**100**

Gráfico 5.20 – Bem mais importante da vida



Assim, a questão familiar se coloca como um elemento fundamental para se pensar metodologias de intervenção que visem propor alternativas para crianças, adolescentes e jovens inseridos na rede ilícita do tráfico de drogas no varejo.

6. Considerações finais

6.1. Síntese dos principais resultados

Antes de passar à formulação de proposições a partir do quadro apresentado é importante visualizar uma síntese dos principais resultados obtidos na pesquisa.

6.1.1. Em relação ao perfil dos entrevistados:

- A maior concentração se situa na faixa etária de 15 a 19 anos;
- Há um forte predomínio de negros e pardos;
- A rede do tráfico ainda é essencialmente masculina, porém observa-se um crescimento do envolvimento de mulheres e uma diversificação das atividades nas quais elas estão envolvidas;
- Em sua maioria os adolescentes e jovens que trabalham no tráfico são naturais do Rio de Janeiro;
- 59,2% provêm de famílias que vivem com uma renda inferior a 3 Salários Mínimos. Destes, 19,2% alegam que a renda familiar não ultrapassa 1 Salário Mínimo;
- Os pais, em sua maioria, têm baixo nível de escolaridade e vínculos de trabalho muito precários.
- O número de jovens que vivem com ambos os pais é significativo (31,74%), em comparação aos dados de outros estudos, que revelam ser este dado muito menor[30]. No entanto, predominam famílias numerosas chefiadas por mulheres;
- 23,5% não mora com a família nuclear. Destes, muitos moram sozinhos e alguns vivem com amigos ou outros parentes;
- Vários adolescentes têm filhos (27,8%);
- 93% abandonaram a escola, sendo que quase a metade (46%) o fez entre os 11 e os 14 anos, mesma faixa etária onde predomina o ingresso no tráfico e o início do consumo de drogas. Apenas 27,4 % estudaram até a quinta série;
- Apesar do baixo nível de escolaridade, 60,87% tiveram experiências de trabalho anteriores fora do tráfico de drogas.
- As suas relações com o espaço público são marcadas pela presentificação e a particularização da existência, aspectos diretamente ligados à primazia da lógica do consumo.

[30] Dados de ASSIS (1999) revelaram que apenas 21% dos adolescentes por ela entrevistados moravam com ambos os pais.

- Sua mobilidade espacial pela cidade é muito limitada e o seu capital social bastante escasso;
- Poucos se interessam pela política;
- A religião ainda é uma referência importante e, muitas vezes, aparece como um espaço potencial de participação social e transformação pessoal;
- 89, 57% dos entrevistados são usuários de drogas. A maconha é a droga consumida com maior freqüência seguida pelas drogas lícitas: álcool e tabaco. O consumo da cocaína não é muito difundido entre os adolescentes e jovens que trabalham no tráfico de drogas no varejo nas favelas do Rio de Janeiro. Recentemente tem-se observado que o consumo de crack vem ganhando força entre os adolescentes e jovens do tráfico;
- 39,43% dos entrevistados têm familiares empregados no tráfico, sendo que o maior número de parentes vinculados à rede ilícita são primos, irmãos e tios;
- Apenas 11,73% têm irmãos no tráfico.

6.1.2. Quanto à participação direta dos entrevistados na rede social do tráfico de drogas no varejo:

- 60% ingressaram no tráfico entre os 12 e os 15 anos;
- As principais justificativas apresentadas pelos entrevistados para o ingresso no tráfico são a motivação econômica, associada a dificuldades financeiras da família e a falta de acesso ao mercado de trabalho. A isso se somam elementos de ordem subjetiva como "adrenalina", sensação de poder , "prestígio" e pertencimento a um grupo.
- Com o passar do tempo, a ligação com o grupo, a adesão à facção e os limites de mobilidade espacial na cidade se tornam importantes fatores para a permanência na rede.
- A maioria dos entrevistados ocupava funções subalternas na rede: vapores, soldados e olheiros;[31]
- Além de existirem em menor número, os jovens que ocupam funções mais elevadas na hierarquia são menos acessíveis;
- A média de idade dos gerentes parece estar caindo;
- A rotatividade dos adolescentes e jovens na rede social do tráfico é muito alta. Dos entrevistados em junho de 2004 e que foram devidamente acompanhados até outubro de 2004, quase 30% já não estavam trabalhando nas mesmas condições no mês seguinte. Após cinco meses

[31] Isso, por um lado, reflete o acesso dos articuladores aos entrevistados, por outro, reflete um pouco da estrutura organizacional do tráfico.

de acompanhamento longitudinal, 19,7% estavam inativos, 14,6% haviam sido mortos e 30,3% não foram encontrados;[32]

- As condições de trabalho dos entrevistados de maneira geral são muito duras. Na maioria dos casos, os adolescentes e jovens trabalham mais de 10 horas por dia. São freqüentes as escalas que envolvem entre 12 e 24 horas de trabalho consecutivas e 57,4% afirmam que não tem nenhum dia de folga na semana. Há ainda os que dizem ficar a disposição durante 24 horas para qualquer missão ou situação de conflito armado;
- Os rendimentos obtidos com o tráfico são gastos fundamentalmente com roupas, drogas e lazer, o que reforça a primazia da lógica do consumo. 31,7% também afirmaram destinar uma parte da renda para o âmbito familiar;
- Uma das principais transformações identificadas nesta pesquisa foi a forte queda dos rendimentos obtidos nas atividades do tráfico de drogas no varejo nos últimos dois anos. Embora os valores variem de acordo com as comunidades, segundo os dados obtidos, a maior parte dos entrevistados ganha até 3 Salários Mínimos. Esta faixa abarcava 75,3% dos salários de 2004, ao passo que, em levantamentos realizados entre 2000 e 2001, apresentavam faixa de rendimentos significativamente maior;[33]
- Entre as modificações da rede social do tráfico identificadas no plano cotidiano e estrutural, destacam-se, além da queda dos rendimentos, a diversificação das atividades dos grupos criminosos armados com domínio de território, a difusão da venda de novas drogas como o Crack e o Ecstasy nas favelas do Rio de Janeiro, o surgimento de novas funções na hierarquia da rede e a crescente migração de jovens do tráfico para a prática de assaltos;
- O vínculo com a comunidade de origem está fragilizado. Ser "cria da favela" já não é pré-requisito para o trabalho na rede social do tráfico. O critério fundamental é a adesão à facção. Nesta perspectiva, 26% dos entrevistados já havia realizado alguma atividade em outra comunidade;
- As experiência de violência dos adolescentes e jovens inseridos na rede social do tráfico de drogas são numerosas e sistemáticas, com destaque para os relatos de agressões físicas e extorsões realizadas pela polícia;
- Os confrontos armados são recorrentes e envolvem especialmente dois atores: a polícia e os grupos rivais. A letalidade destes confrontos é altíssima, mas afeta diferentes áreas da cidade de maneira bastante desigual;
- Entre junho de 2004 e abril de 2006, 45 jovens do grupo de 230 entrevistados na pesquisa foram mortos, sendo que 64,4% destas mortes foram atribuídas a policiais. Por outro lado, o número de mortes de policias também é contundente no estado do Rio. Entre janeiro de 2004 e

[32] Os dados referem-se ao universo de 152 entrevistados que foram efetivamente acompanhados durante 5 meses (ver tabela 5.11)

[33] Ver nota 26 sobre os levantamentos de NETO et alli (2000); DOWDNEY (2003); e URANI & SOUZA E SILVA (2002).

dezembro de 2005 foram registradas 83 mortes de policiais em serviço (74 militares e 9 policiais civis) no Estado do Rio de Janeiro;

- As experiência de violência indireta sofridas pelos jovens também são significativas. Em um período de apenas cinco meses, os entrevistados relataram haver presenciado 122 mortes e 205 casos de espancamentos;
- A violência sofrida pelos familiares dos adolescentes e jovens entrevistados é muito alta. Foram registradas 145 mortes de familiares decorrentes de conflitos ligados ao tráfico, sendo que em 41 casos os parentes mortos não tinham nenhum tipo de envolvimento direto com a rede ilícita, o que coloca em evidência a vulnerabilidade dos moradores dos espaços populares em relação à violência letal;
- A queda dos rendimentos do tráfico de drogas no varejo aliada ao aumento brutal das mortes tem motivado muitos jovens a desejar sair desta atividade.
- As principais dificuldades apontadas pelos entrevistados para efetivar sua saída da rede ilícita remetem ao baixo nível de escolaridade e, especialmente, à precariedade do tipo de trabalho ao qual eles têm acesso.

6.2. Dilemas e proposições

O trabalho de crianças, adolescentes e jovens no tráfico de drogas no varejo do Rio de Janeiro, a partir dos dados levantados nesta pesquisa, constitui um problema que requer a articulação de políticas públicas, voltadas não apenas para o enfrentamento direto das situações específicas desses atores na rede do tráfico, mas também que dêem conta do contexto socioeconômico-cultural em que eles estão inseridos.

Um primeiro dilema que identificamos para a elaboração de proposições de enfrentamento ao quadro apresentado refere-se à **representação** que estes atores têm na sociedade, já que a visão construída sobre eles sustenta as formas de intervir do Poder Público e de organizações da Sociedade Civil. A **estigmatização** desse grupo específico, somada aos estereótipos construídos historicamente em torno de seus espaços de moradia, tem sido um motivador de ações discriminatórias, algo que, muitas vezes, resulta na violação de direitos e, no limite, na morte violenta, especialmente por parte das forças de segurança pública. A violência letal tem se colocado, para este grupo e para os jovens das periferias em geral, como o principal obstáculo à criação de condições ao exercício da cidadania.

Outro dilema diz respeito à **fragilização das redes sociais e comunitárias** que permeiam as relações que esses atores estabelecem. Instituições como a Escola, perderam sua capacidade de acolhimento e de estímulo a projetos de vida, limitando as possibilidades dos indivíduos de se relacionarem com outras redes sociais que tenham condições de ampliar seu espaço-tempo social. Apesar disso, os **vínculos familiares continuam sendo um suporte fundamental** para a sustentação dos sujeitos nas situações em que se encontram mais vulneráveis.

A estigmatização e a fragilização das redes sociais e comunitárias vêm funcionando como mecanismos de reprodução da pobreza e de limitação ao exercício da

cidadania. Neste contexto, a incorporação de valores negativos sobre si e seus espaços de moradia, somados à busca por reconhecimento e visibilidade social vêm colocando as facções criminosas como principais quadros de referência para a construção de vínculos identitários, muitas vezes maiores do que os estabelecidos com a comunidade. Neste sentido, estar no tráfico de drogas é uma forma de estar no mundo, de se fazer visível e de pertencer a um grupo. O tráfico, com suas facções criminosas, vem funcionando como espaço de socialização desses jovens e como principal quadro de referência na construção de valores. Em síntese, ser "CV", "TC" ou "ADA" significa muito mais do que ser "da comunidade", "ser pobre", "ser negro", "ser favelado". Observa-se que isso repercute em limites à mobilidade espacial desses grupos, algo que dificulta seu sentimento de pertencimento à cidade e o acesso a bens e equipamentos públicos. Com isso, mudam-se as relações, que passam a ser estabelecidas a partir de uma disputa simbólica e física entre os pertencentes a um grupo e os pertencentes a outros grupos, o que tem provocado o aumento das mortes violentas.

Um terceiro dilema refere-se ao **mundo do trabalho e acesso à renda**. Apesar da queda dos salários oferecidos pelo tráfico, este ainda coloca-se como uma atividade que oferece vantagens relativas mais atrativas do que outras atividades de trabalho, como a identidade de grupo, a visibilidade social e o prestígio. Por outro lado, a baixa escolarização, somada à dificuldade de acesso a outras redes que favoreçam o ingresso no mundo do trabalho, constitui um problema de complicada resolução: ao mesmo tempo em que não os tornam aptos para o exercício de certas atividades laborais, é obstáculo no acesso a cursos profissionalizantes, que exigem escolaridade mínima e habilidades que nem sempre a formação escolar foi capaz de oferecer.

A falta de oportunidades e o alto índice de letalidade constituem os principais obstáculos a serem superados, no que concerne ao trabalho de crianças, adolescentes e jovens no tráfico de drogas. A ruptura do círculo vicioso no qual estes adolescentes e jovens estão inseridos e a construção de um círculo virtuoso, de ruptura com as condições que permeiam o ingresso e permanência na rede do tráfico, passa pela associação entre uma política pública distributiva de renda, ações voltadas para o aumento da participação social e novas formas de estratégias de combate à criminalidade. Elas devem ser vistas como elementos *necessários* – no sentido mais profundo do termo, aquele sem o qual não se pode passar – para o combate aos fundamentos econômicos, culturais, políticos e sociais da desigualdade que caracterizam o Brasil, inclusive suas metrópoles.

O primeiro princípio fundamental das ações de segurança pública deve passar, então, pela **valorização da vida**. Significa dizer que o combate à venda de drogas, roubo de veículos ou crimes afins não pode ser mais importante que a vida humana. Se a polícia carioca seguisse este princípio tão básico, muitas das mortes descritas neste relatório não teriam ocorrido. Outras milhares de vidas, da mesma forma, também teriam sido poupadas.

O segundo princípio que deve sustentar uma política de segurança cidadã deve se basear no **combate estratégico e permanente do controle de armas pelos grupos criminosos**. Esse combate deve se dar através da investigação e prisão dos intermediários e chefes das organizações e do combate à corrupção policial, grande responsável pelo retorno ao *mercado* das armas apreendidas. Significa trocar a "guerra às drogas" pela "guerra às armas", sejam de grande ou pequeno calibre. Nesse caso, a proibição do comércio de armas, a criação de mecanismos de controle de circulação daquelas permitidas e o desarmamento progressivo dos grupos criminosos são iniciativas básicas para a diminuição da violência letal. O combate às drogas passaria a

ter como eixo central a prevenção e a redução de danos, com a transferência da responsabilidade de seu enfrentamento ao conjunto das organizações sociais e não apenas à polícia.

O terceiro princípio que deve nortear uma segurança cidadã é a **construção de um projeto de cidade** de médio e longo prazo, voltado para a construção de políticas públicas que direcionem a maior parte dos recursos para a oferta de equipamentos e serviços de qualidade às populações da periferia e das favelas, assim como a produção de políticas efetivas de geração de renda, trabalho e do sentimento de *pertencimento* à cidade – o que, por sua vez, gera um senso de responsabilidade com a coisa pública. O que é público passa a ser realmente *de todos.*

Diante deste quadro, apresentamos a proposição de um **Programa de Redução da Violência Letal** que contemple os seguintes objetivos:

1. Articulação política

Articular ações, em diferentes escalas, voltadas para a maior participação do poder público, da sociedade civil organizada e da população em geral nas questões atinentes à segurança urbana, em particular no campo da prevenção, tendo em vista a elaboração de um plano de redução da violência letal;

Estratégias:

- Articular uma Frente de Enfrentamento à Violência Letal, tendo em vista o aprofundamento da participação de órgãos públicos e do conjunto da população na formulação e acompanhamento das políticas de segurança urbana, dentre outras, em particular as de prevenção.
- Articular Frentes Locais de Enfrentamento à Violência Letal, tendo em vista o aprofundamento da participação de entidades da sociedade civil e de instituições públicas com atuação local.
- Promover campanhas de sensibilização e mobilização da sociedade, em particular no que tange à representação social da violência e dos espaços populares;
- Promover seminários temáticos dedicados à construção de referências teórico-metodológicas para as iniciativas do Programa e à troca de experiências com ações afins;

2. Monitoramento de informações

Criar mecanismos de monitoramento que subsidiem ações de enfrentamento e prevenção da violência letal

Estratégias:

- Desenvolver e experimentar metodologias de coleta e sistematização de informações sobre violência letal em áreas selecionadas;
- Articular uma rede de informação e monitoramento da violência letal;
- Criar uma rede de instituições da sociedade civil dedicada à formulação, monitoramento e avaliação de projetos no campo da segurança urbana;
- Criar um Índice de Mortalidade Juvenil como referência para análise do densenvolvimento humano;
- Reconhecer o ciclo de vida como base para a elaboração de propostas de intervenção (por exemplo, os dados da pesquisa indicam a necessidade de políticas de prevenção voltadas para a faixa de 11 a 14 anos).

3. Elaboração, sistematização e execução de metodologias de intervenção direta

Promover a melhoria das condições de exercício da cidadania por parte das crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social a partir do desenvolvimento de metodologias que contribuam para a criação de alternativas para aqueles que estão no tráfico ou em outras atividades ilícitas e para a diminuição da violência letal.

Estratégias:

- Implementar projetos sócio-educativos voltados para crianças, adolescentes e jovens que se adaptem às realidades locais;
- Estimular a articulação das redes comunitárias e a valorização da comunidade como referência na construção da identidade;
- Criar programas de educação não-formal que funcionem como estímulo ao reingresso à vida escolar; e
- Criar programas de formação para o trabalho e geração de renda voltados para adolescentes e jovens com baixa escolaridade e/ou que estejam afastados da vida escolar.

Anexo 1 – Questionário aplicado na primeira fase da pesquisa

Controle	
Data: |__|__||__|__| |__|__| Entrevistador: |_____| Questionário: 01 – |__|__|__|	
Bloco I - Identificação	
Pseudônimo:	
01. Idade: |__|__| anos	**Data de Nascimento:** |__|__| |__|__| |__|__|__|__|
02. Local de nascimento:	
03. Cor 1. |__| Branca 2. |__| Parda 3. |__| Preta	4. |__| Amarela 5. |__| Indígena 6. |__| Outra: _____
04. Sexo 1. |__| Masculino 2. |__| Feminino	
05. Comunidade |_____|	
06. Há quanto tempo mora na comunidade? 1. |__| Menos de 1 ano 2. |__| de 1 a 3 anos 3. |__| de 4 a 6 anos	4. |__| de 6 a 10 anos 5. |__| mais de 10 anos
07. Já morou em outra comunidade antes? 1. |__| Não 2. |__| Sim. Qual(is)? |_____|	
08. A residência onde você mora é:	
1. |__| Própria 2. |__| Alugada	3. |__| Cedida 4. |__| Outro |_____|
09. Mora com:	

1. |__| Pais
2. |__| Mãe
3. |__| Pai
4. |__| Cônjuge
5. |__| Amigos
6. |__| Sozinho(a)
7. |__| Parente (s) |_____|
8. |__| Outros |_____|

10. Estado civil

1. |__| Solteiro (a)
2. |__| Casado (a)
3. |__| Viúvo (a)

11. Religião

1. |__| Católica
2. |__| Evangélica |_____|
3. |__| Afro-brasileira
4. |__| Nenhuma (pular a próxima)
5. |__| Outra |_____|

12. É praticante? (caso siga alguma religião)

1. |__| Não
2. |__| Sim.

13. Você tem filhos?

1. |__| Nenhum
2. |__| Um
3. |__| Dois
4. |__| Três
5. |__| Mais de três

14. Você é usuário de drogas?

1. |__| Não (pular para a questão 18)
2. |__| Sim (Passar para a próxima pergunta)

15. Você começou a usar drogas com que idade?

1. |__| Menos de 10 anos
2. |__| Entre 10 e 12 anos
3. |__| Entre 13 e 15 anos
4. |__| Entre 16 e 18 anos
5. |__| Acima de 18 anos

16. Quais as drogas que você já consumiu?

1. |__| Álcool
2. |__| Cigarro
3. |__| Cola
4. |__| Maconha
5. |__| Cocaína
6. |__| Crack
7. |__| Haxixe
8. |__| Anfetaminas
9. |__| Tranquilizantes
10. |__| Outras |_____|

17. Qual(is) a(s) droga(s) que você consome atualmente?

Droga	**Freqüência**	Códigos para preenchimento do campo

1. |__| Álcool |__| 2. |__| Cigarro |__| 3. |__| Cola |__| 4. |__| Maconha |__| 5. |__| Cocaína |__| 6. |__| Crack |__| 7. |__| Haxixe |__| 8. |__| Anfetaminas |__| 9. |__| Tranqüilizantes |__| 10. |__| Outras |__|	freqüência 1. Diariamente 2. Semanalmente 3. Somente nos finais de semana 4. Raramente
18. Antes de entrar no tráfico, você passava mais tempo: 1. |__| Na rua 2. |__| Em casa	
19. Você tem (marcar até duas opções)**:** 1. |__| Namorado (a) 2. |__| Esposo (a) 3. |__| Fica com alguém 4. |__| Fica com várias pessoas 5. |__| Ninguém	
20. Você sabe o que é AIDS? 1. |__| Sim 2. |__| Não (pule a próxima) 3. |__| Mais ou menos	
21. Para você, como se pega AIDS (possibilidade de marcar mais de uma opção)**?** 1. |__| Sexo entre homem e mulher sem proteção 2. |__| Sexo entre homem e homem sem proteção 3. |__| Compartilhando seringa (Pico na veia) 4. |__| Sangue não tratado 5. |__| Amamentação, quando a mãe tem o vírus 6. |__| Outro |_____|	
22. Quais dos documentos abaixo você possui? 1. |__| Certidão de Nascimento ou Casamento 2. |__| Carteira de Identidade 3. |__| CIC 4. |__| Carteira de Trabalho 5. |__| Título de Eleitor	

23. Você possui alguma doença crônica?

1. |__| Sim. Qual (is)? |_____|
2. |__| Não

24. Você possui algum tipo de deficiência física?

1. |__| Sim. Qual (is)? |_____|
2. |__| Não

25. Você já teve alguma doença sexualmente transmissível (DST)?

1. |__| Não
2. |__| Sim Qual (is)? |_____|

Bloco II – Educação

26. Você sabe ler e escrever?

1. |__| Lê e escreve
2. |__| Escreve, mas não lê
3. |__| Lê, mas não escreve
4. |__| Não lê nem escreve

27. Freqüenta a escola?

1. |__| Sim
2. |__| Não

28. Qual foi a última série concluída?

1. |__| 1ª série
2. |__| 2ª série
3. |__| 3ª série
4. |__| 4ª série
5. |__| 5ª série
06. |__| 6ª série
07. |__| 7ª série
08. |__| 8ª série
9. |__| Ensino Médio
10. |__| Nunca estudou (Pule para a questão 33)

29. Com qual idade deixou de estudar?

1. |__| Ainda estuda (Pule a seguinte)
2. |__| 9 a 10 anos
3. |__| 11 a 12 anos
4. |__| 13 a 14 anos
5. |__| 15 a 16 anos
6. |__| 17 anos ou acima
7. |__| Não sabe/não se lembra

30. Por que razão você deixou de estudar? (numerar duas respostas por ordem de importância)

1. |__| Não gostava de estudar
2. |__| Não conseguia aprender
3. |__| Não gostava dos professores
4. |__| Precisava ganhar dinheiro para ajudar a família
5. |__| Queria dinheiro para comprar as coisas de que gostava
6. |__| A família não estimulava
7. |__| Outra |_____|

31. Cite dois (02) aspectos positivos do espaço escolar, em ordem de importância. (numerar duas respostas por ordem de importância)

1. |__| as amizades com os colegas
2. |__| aprender novas coisas
3. |__| merenda
4. |__| professores
5. |__| garotas (os)
6. |__| algumas pessoas
7. |__| outra: |_____|

32. Cite dois (02) aspectos negativos do espaço escolar, em ordem de importância:

(numerar duas respostas por ordem de importância)

1. |__| Ter que estudar
2. |__| excesso de disciplina
3. |__| Dificuldade em aprender
4. |__| ficar muito tempo sentado
5. |__| Falta de significado do que é ensinado
6. |__| Outra: _____

Bloco III - Configuração Familiar

33. Pais vivos:

1. |__| Mãe 2. |__| Pai 3. |__| não sabe (pai) 4. |__| não sabe (mãe)

34. Você tem irmãos?

1. |__| Nenhum
2. |__| Um
3. |__| Dois
4. |__| Três
5. |__| Quatro
6. |__| Mais de quatro

35. Escolaridade dos irmãos (indicar quantidade):

01. |__| Alfabetização
02. |__| 1ª série
03. |__| 2ª série
04. |__| 3ª série
05. |__| 4ª Série
06. |__| 5ª Série
07. |__| 6ª Série
08. |__| 8ª Série
09. |__| Segundo grau incompleto
10. |__| Segundo grau completo
11. |__| Cursando faculdade
12. |__| Superior completo
13. |__| Nunca estudou
14. |__| Não sabe
15. |__| 7ª série

36. Trabalho dos irmãos (indicar quantidade):

1. |__| Desempregado
2. |__| Tráfico
3. |__| Outra atividade ilegal
4. |__| Mercado formal
5. |__| Mercado informal
6. |__| Não sabe
7. |__| Não trabalha

37. Responsável por sua criação (marcar até duas opções):

1. |__| Pai
2. |__| Mãe
3. |__| parente(s)
4. |__|orfanato
5. |__| Centro de recolhimento de menores
6. |__| Outro: |_____|

38. Origem geográfica dos pais (marcar até duas opções):

1. |__| Cidade do Rio de Janeiro
2. |__| Outra cidade do RJ
3. |__| Estado nordestino
4. |__| Estado do Sudeste
5. |__| Outro: |_____|
6. |__| Não sabe

39. Profissão dos pais:

1. Pai: |_____| |__| Não sabe
2. Mãe: |_____| |__| Não sabe

40. Escolaridade dos pais:

1. |__| Pai
2. |__| Mãe

Respostas:

1. Não sabia ler ou escrever
2. Sabia ler e escrever, mas nunca foi a escola
3. Antigo primário completo
4. Antigo Primário incompleto
5. Primeiro grau incompleto
6. Primeiro grau completo
7. Segundo grau incompleto
8. Segundo grau completo
9. Ensino superior
10. Não sabe

41. Bens que o entrevistado e/ou família possui (colocar quantidades):

1. |__| Imóvel na comunidade
2. |__| Imóvel fora da comunidade
3. |__| Telefone Fixo
4. |__| Telefone Celular
5. |__| Carro
6. |__| Ar Condicionado
7. |__| Ventilador
8. |__| Computador
9. |__| Impressora
10. |__| Geladeira
11. |__| Freezer
12. |__| Fogão
13. |__| Microondas
14. |__| Aparelho de Som
15. |__| Televisão
16. |__| Vídeo Cassete
17. |__| DVD
18. |__| Vídeo Game
19. |__| Lavadora de Roupas
20. |__| Chuveiro elétrico
21. |__| Moto
22. |__| Bicicleta
23. |__| Antena parabólica ou TV por assinatura

42. Faixa de renda dos pais ou responsável: (1 SM = R$ 260,00)

1. |__| Não tem
2. |__| Menor que 1 SM
3. |__| 1 SM
4. |__| Entre 1 e 3 SM
5. |__| Entre 3 e 5 SM
6. |__| Entre 5 e 10 SM
7. |__| Mais de 10 SM
8. |__| Não sabe

43. Posição do entrevistado no campo familiar:

1. |__|Primogênito
2. |__|*do meio*
3. |__|Caçula

44. Representação do entrevistado no campo familiar (marcar até 3 opções):

1. |__| Obediente
2. |__| Calmo(a)
3. |__| Agressivo(a)
4. |__| Estudioso(a)
5. |__| Inteligente
6. |__| Falante
7. |__| Autoritário(a)
8. |__| Barulhento(a)
9. |__| Agitado(a)
10. |__| Bagunceiro(a)
11. |__| Desobediente
12. |__| Tímido(a)
13. |__| Outro _____

45. Na relação com os pais e/ou responsáveis, o uso da violência física é/era:

1. |__| Muito freqüente
2. |__| Freqüente
3. |__| Pouco freqüente
4. |__| Raramente
5. |__|Inexistente
6. |__| Não lembra

46. Problemas com dependência química envolvendo membros da família. Associe o tipo(s) de droga(s) ao membro familiar (possibilidade de marcar mais de uma opção):

Droga	Membro da família
1. Álcool 2. Cigarro 3. Cola 4. Maconha 5. Cocaína 6. Crack 7. Haxixe 8. Anfetaminas 9. Tranqüilizantes 10. Outra (s) |_____|	|__| Ninguém usa |__||__||__||__||__| Pai |__||__||__||__||__| Mãe |__||__||__||__||__|Irmão (s) |__||__||__||__||__| Tio (s) |__||__||__||__||__| Primo (s) |__||__||__||__||__| Avó (s) |__||__||__||__||__| Outro (s)

47. Familiares empregados no tráfico: (possibilidade de marcar mais de uma opção) – Quantificar

1. |__| Ninguém
2. |__| Pai
3. |__| Mãe
4. |__| Irmão(s)
5. |__| Tio (s)
6. |__| Primo (s)
7. |__| Avó (s)
8. |__| Outros: |_____|
9. |__| Não sabe

48. Familiar(es) morto(s) por motivo de envolvimento com o tráfico: (Quantificar)

1. |__| Ninguém
2. |__| Pai
3. |__| Mãe
4. |__| Irmão(s)
5. |__| Tio (s)
6. |__| Primo (s)
7. |__| Avó (s)
8. |__| Outros: |_____|
9. |__| Não sabe

49. Familiar(es) morto(s) pelo tráfico, mas sem envolvimento direto: (Quantificar)

1. |__| Ninguém
2. |__| Pai
3. |__| Mãe
4. |__| Irmão(s)
5. |__| Tio (s)
6. |__| Primo (s)
7. |__| Avó (s)
8. |__| Outros: |_____|
9. |__| Não sabe

Bloco IV – Gostos e preferências

50. Citar os dois tipos de ritmos musicais prediletos, em ordem de importância:

|__| Funk/Rap
|__| Pagode
|__| Forró
|__| Hip Hop
|__| Samba
|__| Pop Internacional
|__| MPB
|__| Axé
|__| Rock
|__| Eletrônica
|__| Sertanejo
|__| Clássica
|__| Religiosa
|__| Não gosta
|__| Outro(s), qual(is)?
|_____|

51. Partido político preferido:

1. |__| PT
2. |__| PDT
3. |__| PSDB
4. |__| PFL
5. |__| PMDB
6. |__| PTB
7. |__| PSB
8. |__| PL
9. |__| PC do B
10. |__| Nenhum
11. |__| Outro: |_____|

52. Político preferido: |_____|

53. Figura pública que mais admira: |_____|

54. Figura de sua rede social que mais admira: |_____|

55. Diversão predileta (marcar duas opções, por ordem de preferência) :

1. |__| Bailes
2. |__| Cinema
3. |__| Show
4. |__| Praia
5. |__| Namorar
6. |__| Shopping
7. |__| Ficar com os amigos
8. |__| Outra: |_____|

56. Em que lugar da cidade costuma realizar sua (s) atividade (s) de lazer?

1. |__| Predominantemente na sua comunidade
2. |__| Predominantemente em outras comunidades
3. |__| Em bairro (s) próximo (s) da comunidade
4. |__| Em bairro (s) distante (s) da comunidade
5. |__| Tanto dentro quanto fora da comunidade sem predominância

57. As atividades de lazer são feitas em geral:

1. |__| Em grupo
2. |__| Sozinho
|__| Com namorada
|__| Com um ou dois amigos

58. As amizades principais são estabelecidas com pessoas:

1. |__| que trabalham no tráfico
2. |__| que não trabalham no tráfico, mas usam drogas
3. |__| que não usam drogas e não trabalham no tráfico

Bloco V – Trabalho no tráfico

59. Já teve outro trabalho?

1. |__| Sim Qual? |_____| 2. |__| Não

60. Ajuda financeiramente a família com o dinheiro do tráfico?

1. |__| Sim 2. |__| Não

61. Ocupação atual:

1. |__| *Olheiro*
2. |__| *Soldado*
3. |__| *Vapor*
4. |__| *Embalador*
5. |__| *Avião*
6. |__| Gerente
7. |__| Cargueiro (abastecedor)
8. |__| Outra: |_____|

62. Já teve períodos, após começar a trabalhar no tráfico, em que se afastou da atividade, de forma voluntária?

1. |__| Sim 2. |__| Não

63. Através de quem entrou no tráfico?

1. |__| Amigo
2. |__| Membro da família
3. |__| Namorada(o)
4. |__| Ninguém
5. |__| Outro: |_____|

64. Carga-horária diária:

|__| 8 horas por dia
|__| entre 8 e 10 horas por dia
|__| entre 10 e 12 horas por dia
|__| mais de 12 horas por dia
|__| outra |_____|

65. Dias de folga por semana:

1. |__| Um 2. |__| Dois 3. |__| Não tem

66. Escala de trabalho:

|__| até 8 horas consecutivas
|__|até 12 horas consecutivas
|__| até 18 horas consecutivas
|__| até 24 horas consecutivas
|__| outra: _____

67. Benefícios trabalhistas:

|__| Gratificações eventuais
|__| Refeição
|__| Lanche
|__| *Carga* extra
|__| Nenhum
|__| Outro: |_____|

68. Faixa salarial com base no salário mínimo (R$ 260,00):

|__| Menos de 1 SM
|__| 1 SM
|__| Entre 1 e 3 SM
|__| Entre 3 e 5 SM
|__| Entre 5 e 7 SM
|__| Entre 8 e 10 SM
|__| Entre 10 e 15 SM
|__| Mais de 15 SM

69. Número de vezes em que já foi preso pela polícia:

1. |__| 1
2. |__| 2
3. |__| 3
4. |__| 4
5. |__| 5 ou mais
6. |__| Nenhuma

70. Número de vezes que sofreu violência física policial:

1. |__| 1
2. |__| 2
3. |__| 3
4. |__| 4
5. |__| 5 ou mais
6. |__| Nenhuma

71. Número de vezes que já sofreu extorsão da polícia:

1. |__| 1
2. |__| 2
3. |__| 3
4. |__| 4
5. |__| 5 ou mais
6. |__| Nenhuma

72. Número de internações em instituições públicas:

1. |__| 1
2. |__| 2
3. |__| 3
4. |__| 4
5. |__| 5 ou mais
6. |__| Nenhuma

73. Número de confrontos com a polícia:

1. |__| 1
2. |__| 2
3. |__| 3
4. |__| 4
5. |__| 5 ou mais
6. |__| Nenhuma

74. Número de confronto com grupos rivais:

1. |__| 1
2. |__| 2
3. |__| 3
4. |__| 4
5. |__| 5 ou mais
6. |__| Nenhum

75. Quantidade de ferimentos sofridos em função de armas de fogo ou arma branca:

1. |__| 1
2. |__| 2
3. |__| 3
4. |__| 4
5. |__| 5 ou mais
6. |__| Nenhum

76. Quantidade de aplicações de castigo:

1. |__| 1
2. |__| 2
3. |__| 3
4. |__| 4
5. |__| 5 ou mais
6. |__| Nenhuma

77. Quantidades de mortes provocada por castigo(s) ou confronto(s):

1. |__| 1
2. |__| 2
3. |__| 3
4. |__| 4
5. |__| 5 ou mais
6. |__| Nenhuma

78. Citar dois fatores que o levaram a trabalhar no tráfico: (numerar duas respostas por ordem de importância)

1. |__| Ajudar família
2. |__| Ganhar muito dinheiro
3. |__| Prestígio
4. |__| Sensação de poder
5. |__| Ligação com amigos
6. |__| Dificuldade em estudar
7. |__| Violência familiar
8. |__| Dificuldade em conseguir qualquer outro emprego
9. |__| Dificuldade em conseguir outro emprego com a mesma renda
10. |__| Adrenalina
11. |__| Vontade de usar uma arma
12. |__| Outra: |_____|

79. Citar dois fatores que o mantém no tráfico (numerar duas respostas por ordem de importância):

1. |__| Ajudar família
2. |__| Dinheiro
3. |__| Prestígio
4. |__| Sensação de poder
5. |__| Ligação com o grupo
6. |__| *Adrenalina*
7. |__| Dificuldade em conseguir qualquer outro emprego
8. |__| dificuldade em conseguir outro emprego com a mesma renda
9. |__| Acreditar que não é mais possível ter outra vida.
10. |__| Outra:|_____|

80. Citar as duas melhores coisas do trabalho no tráfico (numerar duas respostas por ordem de importância):

1. |__| dinheiro
2. |__| prestígio
3. |__| sensação de poder
4. |__| ligação com amigos
5. |__| *Adrenalina*
6. |__| outra: |_____|

81. Citar os dois aspectos mais desagradáveis do trabalho no tráfico (numerar duas respostas por ordem de importância):

1. |__| Risco de vida
2. |__| discriminação
3. |__| Ter que viver *ligado*
4. |__| "*mineira*" de policiais
5. |__| dificuldade em conseguir qualquer outro emprego
6. |__| dificuldade em conseguir outro emprego com a mesma renda
7. |__| Risco de ser preso
8. |__| outra: _____

82. Citar dois fatores que poderiam contribuir para sua saída do tráfico (numerar duas respostas por ordem de importância):

1. |__| ganhar muito dinheiro
2. |__| ser preso
3. |__| namorar uma garota legal
4. |__| arrumar um emprego formal
5. |__| parar de usar drogas
6. |__| outro: _____

83. Na sua opinião, qual o principal responsável pelas mortes no tráfico (marcar até duas respostas)**:**

|__| Polícia
|__| Guerra entre facções
|__| *Vacilação* dentro da facção
|__| Destino ou Vontade de Deus
|__| Azar
|__| outros _____

84. Quantas pessoas, aproximadamente, menores de 18 anos trabalham no tráfico local?

|__|__|__| pessoas

85. Grau de satisfação com a vida atual:

|__| Alto
|__| Médio
|__| Pequeno
|__| Nenhum

86. Bem mais importante da vida:

1. |__| família
2. |__| amigos
3. |__| dinheiro
4. |__| poder
5. |__| prestígio
6. |__| outro: _____

87. Quais os dois maiores desejos na vida?

1. |_____|
2. |_____|

88. Com que idade entrou no tráfico?

1. |__| Menos de 10 anos
2. |__| Entre 10 e 12 anos
3. |__| Entre 13 e 15 anos
4. |__| Entre 16 e 18 anos
5. |__| Acima de 18 anos

89. Você costuma portar armas de fogo?

1. |__| Sim, diariamente
2. |__| Sim, esporadicamente
3. |__| Sim, somente quando necessário
4. |__| Não

90. Você costuma usar camisinha?

1. |__| Sim, em todas as relações
2. |__| Sim, em algumas relações
3. |__| Não.

91. Você já trabalhou para outro grupo? 1. |__| Sim 2. |__| Não
92. Você realiza/realizou alguma atividade em outra comunidade? 1. |__| Sim. O quê? |_____| 2. |__| Não
93. Quantidade de vezes que sofreu castigos:
1. |__| 1 4. |__| 4 2. |__| 2 5. |__| 5 ou mais 3. |__| 3 6. |__| Nenhuma
94. ***O que costuma fazer com o dinheiro que ganha no tráfico?(Numerar três opções por ordem de importância)***
1. |__| Compra roupas 4. |__| Gasta com lazer 2. |__| Ajuda a família 5. |__| Outros: _____ 3. |__| Compra drogas _____

Anexo 2 – Matriz de Acompanhamento aplicada na segunda fase da pesquisa

Mês de Referência: |__|__| |__|__|
Entrevistador: _____
Pseudônimo: _____
Situação atual: _____

1. Continua trabalhando no tráfico? (informar no quadrante à direita a função exercida)
 1.|__| Sim
I_____|
 2.|__| Não

2. Você pensou em abandonar o tráfico neste mês?
1. |__| Sim. Por quê?
I_____| Por que não saiu?I_____|
2. |__| Não

3. Teve alteração de salário? (Informar a faixa salarial com base no SM – R$260,00)
 1.|__| Sim
I_____|
 2.|__| Não

4. Deixou de usar ou experimentou algum tipo de droga este mês?
1. |__| Sim, deixei de usar: Qual?
|_____|
2. |__| Sim, experimentei. Qual?
|_____|
3. |__| Não

5. Você sofreu algum tipo de violência neste mês? (Informar no quadrante à direita a quantidade e o tipo)
1. |__| Da polícia |__|
|_____|
2. |__| De membros do mesmo grupo |__|
|_____|
3. |__| De membros de outros grupos |__|
|_____|
4. |__| Não sofreu nenhum tipo de violência

6. Você participou de algum confronto armado neste mês? (Informar no quadrante à direita a quantidade)

1. |__| Sim, com a polícia |___|
2. |__| Sim, com grupos rivais |___|
3. |__| Não

7. Você sofreu algum ferimento neste mês em seu trabalho? (Informar no quadrante à direita a quantidade e tipo)
1. |__| Sim |__|
|_____|
2. |__| Não

8. Você feriu alguém neste mês? (Informar no quadrante à direita a quantidade e o tipo de ferimento)
1. |__| Sim, policial |___|
I_____|
2. |__| Sim, membros de grupos rivais |___|
|_____|
3. |__| Sim, membros do próprio grupo
|___||_____|
4. |__| Sim, pessoas da comunidade |___|
|_____|
5. |__| Não
6. |__| Não sabe

9. Você feriu alguém mortalmente neste mês? (Informar no quadrante à direita a quantidade de pessoas)
1. |__| Sim, policial |___|
2. |__| Sim, membros de grupos rivais |___|
3. |__| Sim, membros do próprio grupo |___|
4. |__| Sim, pessoas da comunidade |___|
5. |__| Não

10. Você realizou alguma atividade em outra comunidade neste mês?
    1. |__| Sim. O quê?
|_____|
    2. |__| Não

11. Você foi detido pela polícia neste mês? (Informar no quadrante à direita a quantidade)
1. |__| Não
2. |__| Sim, me extorquiram |___|
3. |__| Sim, me espancaram |___|
4. |__| Sim, me ameaçaram de morte |___|
5. |__| Sim, me levaram para a delegacia e fui liberado |___|
6. |__| Sim, me levaram para a delegacia e fiquei detido em uma instituição |__|

12. Você presenciou a morte ou espancamento de alguém neste mês? (Informar no quadrante à direita a quantidade)
1. |__| Sim, morte |___|
2. |__| Sim, espancamento/tortura |___|
3. |__| Não

13. Surgiu alguma proposta de outro trabalho durante este mês? (Informar no quadrante à direita o tipo de trabalho)
1. |__| Sim
|_____|
2. |__| Não

14. Aceitou a proposta? (Informar no quadrante à direita o motivo)
1. |__| Sim
|_____|
2. |__| Não
|_____|

15. Houve alguma alteração/novidade/acontecimento importante em suas relações familiares?
_____
_____
_____
_____

16. Houve alguma alteração/novidade/acontecimento importante em suas relações com os colegas de trabalho?
_____
_____
_____
_____

17. Houve alguma alteração/novidade/acontecimento importante em suas relações amorosas?
_____
_____
_____
_____

18. Teve algum problema de saúde neste mês? Que tipo?
_____
_____
_____
_____

Anexo 3 - As funções do tráfico e suas atribuições

***Dono*:** Após os atacadistas e matutos, há uma estrutura hierárquica do comércio varejista de drogas ilícitas em nível local. Assim, os *donos* têm o controle de uma ou mais favelas. Ele é responsável por toda a articulação necessária para garantir o abastecimento de drogas e armamentos em sua(s) comunidade(s), pelas decisões a serem nelas tomadas e também pelo pagamento de propinas e suborno à policiais. Geralmente não mora na favela. Quando preso, comanda de dentro do próprio presídio.

***Gerente-geral*:** Este é responsável pela execução na favela de todas as determinações do *dono.* As atividades cotidianas tais como, contabilização da venda, admissão e demissão de mão-de-obra, comando das operações que envolvem conflito armado com a policia ou com outras facções. No interior da favela está no topo da hierarquia.

***Gerentes de cargas ou Subgerentes*:** Após o *Gerente-geral*, há os *gerentes* responsáveis por cada uma das drogas comercializadas na localidade. Desta forma, em uma comunidade pode existir até 5 gerentes (gerente da maconha, da cocaína, do loló, do crack e dos soldados) Cabe também a esta função a prestação de contas de sua carga vendida junto ao *Gerente-geral.* Os gerentes das drogas tem sua remuneração de acordo com o que foi vendido, enquanto o gerente de soldados tem um salário fixo.

Soldado*: O soldado é o indivíduo responsável pela defesa e ataques bélicos. Está sempre armado e pronto para participar de qualquer confronto. Por esta razão, corre mais riscos. Tem salário fixo e trabalha em esquemas de plantões que podem ser diurnos ou noturnos.

Fiel:** O fiel e uma espécie de segurança pessoal do *Gerente geral* ou do *dono*. O grau de confiança junto ao seu chefe é pré-requisito fundamental para assumir tal posto.

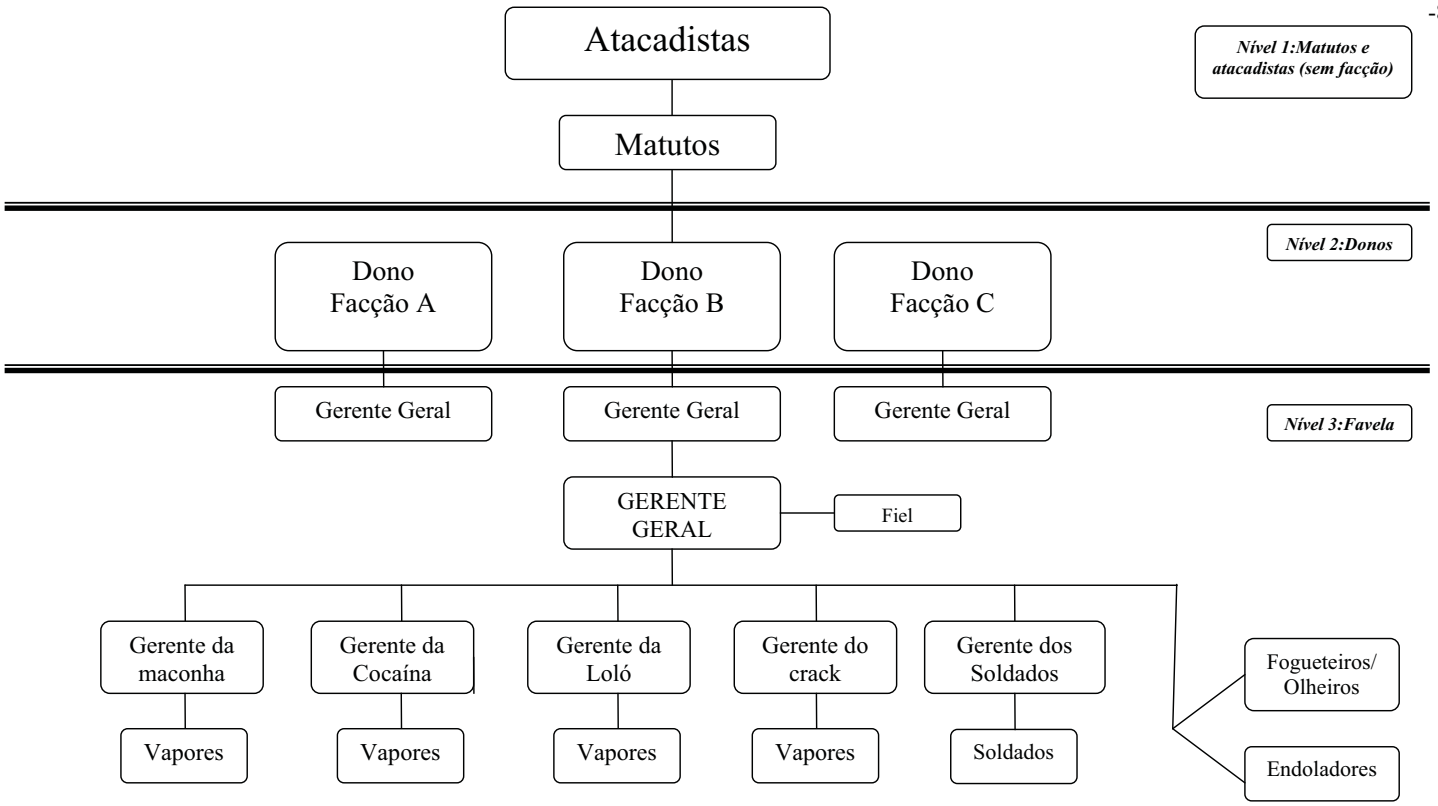
Vapor:** É o responsável pela venda no varejo diretamente aos consumidores. Não costuma portar armas de fogo e recebe por comissão, de acordo o que vendeu. Os vapores são figuras mais vulneráveis à ação policial, já que estão sempre expostos nas bocas de fumo, portando consideráveis quantidades de drogas.

Olheiros ou fogueteiros*: Estes exercem o papel de vigiar as entradas principais da favela e avisar à toda rede, por meio de fogos de artifício ou rádio-comunicadores, sobre a presença de policiais na comunidade ou de algum grupo rival. Esta função é geralmente exercida por crianças ou adolescentes de tenra idade, que recebem os menores salários pagos na estrutura.

Endoladores:** Também denoninados por alguns como "embaladores". Responsáveis pelo empacotamento das drogas para serem vendidas ao consumidor.

Vale ressaltar, que a estrutura ou a existência de determinadas funções podem variar em diferentes comunidades. Assim, o que apresentamos aqui traz um panorama geral a partir de informações coletadas entre os entrevistadores e entrevistados.

Figura 1 – Estrutura Organizacional do Tráfico de Drogas no Varejo



Adaptado de: DOWDNEY (2003)